

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica

KALMY FERNAN DA SILVA VIEIRA

**A terapia de casal junguiana: Um estudo teórico da prática
clínica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

SÃO PAULO

2024

Vieira, Kalmy Fernan da Silva
A terapia de casal junguiana: Um estudo teórico da prática
clínica. / Kalmy Fernan da Silva Vieira. -- São Paulo:
[s.n.], 2024.
70p. ; 21 cm.

Orientador: Durval Luiz de Faria.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia:
Psicologia Clínica.

1. Terapia de casal junguiana. 2. Terapia de casal. 3.
Psicologia junguiana. 4. Casal. I. Faria, Durval Luiz de.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa
de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.
III. Título.

CDD

Kalmy Fernan da Silva Vieira

A terapia de casal junguiana: Um estudo teórico da prática clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

Aprovada em: ____/____/____

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Rosane Mantilla de Souza – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Maria Silvia Pessoa – Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 80385724.1.0000.5482.

This study was funded in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Funding Code 80385724.1.0000.5482.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela força e sabedoria concedidas, que me permitiram não apenas trilhar este caminho, mas também transformar desafios em oportunidades de crescimento pessoal. Ao longo dessa jornada, pude adaptar-me às adversidades, tornando o ambiente mais acolhedor e construindo um espaço fértil para continuar evoluindo em direção aos próximos passos.

À minha família e aos amigos mais próximos, sou eternamente grato pelo apoio incondicional. Vocês sempre acreditaram em minhas capacidades, incentivando-me a seguir no caminho acadêmico, reafirmando que este ambiente é, de fato, o meu lugar. A presença e o amor partilhados ao longo dessa trajetória tornaram os momentos difíceis mais leves e as conquistas ainda mais especiais.

Ao meu orientador, Durval Luiz de Faria, agradeço pelos diálogos enriquecedores e por ser uma referência de sabedoria, afeto e bom humor.

À Profa. Rosane Mantilla de Souza, minha gratidão pela inspiração e sabedoria que compartilhou comigo durante essa fase. Seu acolhimento e confiança foram fundamentais para o meu desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional.

Agradeço à Silvia Pessoa, por ter aceito compor a banca de qualificação e pelas generosas contribuições feitas, além de retornar agora para a defesa de meu trabalho.

Às professoras Edna Maria Severino Peters Kahhale e Marlise Aparecida Bassani, e à assistente de coordenação Mônica Pereira, por estarem sempre dispostas a me ouvir e por proporcionarem momentos de aprendizado únicos em suas aulas, que tanto enriqueceram minha formação.

À professora Liliana Wahba e aos meus colegas do Núcleo de Estudos Junguianos, agradeço pelos momentos de alegria, humor e pelas trocas valiosas de ideias e projetos.

Aos colegas do Núcleo de Família e Comunidade, minha gratidão por me acolherem e me darem a oportunidade de crescer e aprender em grupo. Estendo meus agradecimentos aos colegas de outros Núcleos, com quem convivi em outras disciplinas, congressos e eventos, sempre trocando ideias e nos apoiando mutuamente na construção de nossos trabalhos.

Aos participantes da pesquisa, deixo aqui meu sincero agradecimento pela generosidade em compartilhar suas histórias e experiências. Vocês foram peças essenciais para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu amigo, professor Dr. Raul Alves Barreto Lima, pela disponibilidade em sempre me ajudar e pelas nossas conversas enriquecedoras, que iam além da academia, passando também pelas nossas paixões em comum, como o Palmeiras.

Agradeço ainda à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Universidade Presbiteriana Mackenzie, por se tornarem pilares de minha trajetória acadêmica e profissional.

À CAPES, pela bolsa concedida, condição sem a qual este trabalho não teria sido realizado e finalizado.

Resumo

VIEIRA, Kalmy Fernan da Silva. **A terapia de casal junguiana: Um estudo teórico da prática clínica**. 70 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os fundamentos teóricos da psicoterapia de casal junguiana, bem como as práticas envolvidas. O estudo foi fundamentado em uma revisão abrangente de artigos, dissertações e teses, selecionados em repositórios acadêmicos e publicações especializadas. A análise dos dados foi estruturada em três grupos temáticos: (1) Conflitos conjugais; (2) Psicologia Analítica na prática clínica; e (3) Individuação do casal. Todos os materiais estudados convergem para a premissa de compreender os conflitos conjugais. Os resultados indicam que casais que buscam a terapia de casal junguiana enfrentam conflitos relacionados à parentalidade, desejo de parentalidade, casos extraconjugais e problemas de comunicação. Os estudos analisados mostram que a aplicação de conceitos junguianos, como projeção, sombra, persona, anima/animus e individuação, permite aos casais lidarem com conflitos, promovendo tanto o desenvolvimento individual quanto o fortalecimento da relação conjugal. Além disso, todas as obras destacam o processo de individuação como um objetivo central para os casais, e a terapia de casal mostrou-se um contexto favorável para esse desenvolvimento psicológico. Em conclusão, os conceitos junguianos revelam-se valiosos para a terapia de casal, sendo fundamental expandir o desenvolvimento teórico e prático da terapia de casal junguiana, especialmente considerando os contextos culturais e os relacionamentos contemporâneos, promovendo novas investigações sobre a diversidade das relações amorosas modernas sob a perspectiva da teoria junguiana.

Palavras-chave: Terapia de casal junguiana. Terapia de casal. Psicologia junguiana. Casal.

Abstract

VIEIRA, Kalmy Fernan da Silva. **A terapia de casal junguiana: Um estudo teórico da prática clínica**. 70 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

This research aimed to investigate the theoretical foundations of Jungian couple psychotherapy as well as the practices involved. The study was based on an extensive review of articles, dissertations, and theses selected from academic repositories and specialized publications. Clinical studies specifically involving couples were selected, considered essential for fostering new approaches. Data analysis was structured into three thematic groups: (1) Marital Conflicts; (2) Analytical Psychology in Clinical Practice; and (3) Couple Individuation. All materials reviewed converged on the premise of understanding marital conflicts. The results indicate that couples seeking Jungian therapy face issues related to parenting, desire for parenting, extramarital relationships, and communication problems. The studies analysed show that the application of Jungian concepts, such as projection, shadow, persona, anima/animus, and individuation, enables couples to address conflicts, fostering both individual development and the strengthening of the marital relationship. Furthermore, all works highlight the individuation process as a central goal for couples, and couple therapy proved to be a conducive environment for this psychological development. In conclusion, Jungian concepts prove valuable for couple therapy, making it essential to expand the theoretical and practical development of Jungian couple therapy, especially in light of cultural contexts and contemporary relationships, encouraging further research on the diversity of modern romantic relationships from a Jungian perspective.

Keywords: Jungian couple therapy. Couple therapy. Jungian psychology. Couple.

Lista de Quadro

Quadro 1 - Obras junguianas publicadas entre 2014-2024.....	18
Quadro 2 - Pesquisas relacionadas à Terapia de casal junguiana	51
Quadro 3 - Grupos temáticos.....	53

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Objetivos	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3. Revisão de pesquisa sobre a Terapia de Casal Junguiana	15
3.1 Terapia de casal nas Obras Completas de Jung	16
3.2 Levantamento Bibliográfico de Autores Junguianos	18
2.3 Breve comentário sobre a revisão bibliográfica	26
4. Fundamentos teóricos da Psicologia Junguiana de Casais	29
4.1 <i>Persona</i> : A construção de identidades nos relacionamentos conjugais	29
4.2 Projeções: A influência da sombra e dos complexos parentais no amor	30
4.3 <i>Anima & Animus</i> : A complexidade dos relacionamentos amorosos	33
4.4 Individuação: Encontro, conflito e crescimento pessoal na conjugalidade	36
5. Abordagem Junguiana na Terapia de Casal	40
5.1 Terapia de Casal Junguiana.....	40
6. Resultados e Discussão	50
6.1 Descrição dos materiais	50
6.2 Grupos temáticos	52
6.2.1 Conflitos conjugais.....	53
6.2.1.1 Parentalidade	54
6.2.1.2 Desejo da parentalidade.....	55
6.2.1.3 Casos extraconjugais	55
6.2.1.4 Problemas de comunicação.....	56
6.2.2 Psicologia Analítica na Prática Clínica.....	56
6.2.2.1 Tipos psicológicos	57
6.2.2.2 Projeção da Sombra.....	57
6.2.2.3 Projeção da Anima/Animus	58
6.2.2.4 Persona.....	59
6.2.3 Individuação do casal	59
6.2.3.1 Processo de individuação	60
7. Considerações finais	62
Referências	64

1. Introdução

As relações conjugais existem desde tempos imemoriais, e a literatura sobre o tema permeia a história da humanidade, manifestando-se em mitos, crenças e religiões.

Gurman e Fraenkel (2002) destacam que, apesar da longa trajetória histórica da terapia de casal, ainda não há uma tradição consolidada. Isso se deve à multiplicidade de correntes, tendências e abordagens que coexistiram em diferentes períodos e gerações de psicoterapeutas (Féres-Carneiro, Diniz Neto, 2008). Além disso, o volume de material produzido sobre a história e os conceitos da terapia de casal é reduzido quando comparado a outras modalidades de atendimento psicológico.

Os motivos para o crescente interesse nessa prática clínica variam desde a análise individual, onde muitos problemas apresentados pelos clientes estão ligados à dinâmica com seus parceiros, até as profundas transformações na estrutura familiar, nas relações conjugais, nos valores individuais e no trabalho dos psicoterapeutas.

Para fins didáticos, o presente estudo adota o termo 'conjugalidade' para referir-se a termos como casal, casamento, relação conjugal, relacionamento, relacionamento amoroso, relacionamento afetivo e par romântico. Esse conceito abrange desde a união tradicional e formal até os aspectos emocionais, sexuais, econômicos e sociais da vida a dois, refletindo as mudanças nos modelos de relacionamento e englobando diversos tipos de relações afetivas e de convivência.

As relações conjugais contemporâneas enfrentam forças paradoxais: de um lado, a individualidade, e de outro, a conjugalidade, formando o 'nós', que precisa ser construído e mantido pela articulação entre esses dois elementos. Cada relacionamento amoroso, portanto, é único e singular, oferecendo um espaço dinâmico e flexível para seus integrantes (Guggenbühl-Craig, 1977; Caillé, 1991).

A terapia de casal ocupa esse espaço ambíguo, onde a relação, antes vista como criativa e fértil, pode se tornar fonte de angústia e sofrimento. Nesse contexto, a psicoterapia de casal se destaca como um valioso investimento na qualidade da relação, com o objetivo de proporcionar ao casal uma nova

perspectiva, independentemente do desfecho. Essa evolução reflete a transformação da sociedade em relação à forma como os relacionamentos devem ser cultivados e mantidos.

O estudo da psicoterapia de casal junguiana se torna relevante devido à escassez de material bibliográfico sobre o tema. Mesmo na obra de Jung, não há menção direta à terapia de casal, embora o texto 'O casamento como relacionamento psíquico', incluído no volume 17 das Obras Completas – O Desenvolvimento da Personalidade (1931/2014a), seja considerado pioneiro para o tema.

Inicialmente, a proposta deste estudo era realizar uma pesquisa empírica sobre a aplicação da terapia de casal junguiana. Contudo, ao longo do processo, tornou-se claro que uma exploração teórica mais profunda seria necessária. A constatação da ausência de um arcabouço teórico específico sobre o tema guiou a pesquisa por questionamentos como: *Como os conceitos junguianos podem ser aplicados na clínica?* e *Como é a terapia de casal junguiana?* Essas perguntas nortearam o aprofundamento teórico deste trabalho. Assim, o objetivo da pesquisa passou a investigar os fundamentos teóricos da psicoterapia de casal junguiana, assim como as práticas envolvidas.

Com isso, este estudo busca apresentar uma análise de artigos, dissertações e teses que possuem caráter seminal, devido à sua riqueza de detalhes teórico-práticos, para a psicoterapia de casal na abordagem junguiana.

O segundo capítulo trata das definições dos objetivos da pesquisa. No terceiro capítulo, *Revisão de Pesquisa sobre a Terapia de Casal Junguiana*, são apresentadas resenhas e análises críticas das poucas obras disponíveis nos últimos dez anos sobre o tema, focando no atendimento a casais por analistas junguianos.

O quarto capítulo, *Fundamentos Teóricos da Psicologia Junguiana de Casais*, explora conceitos-chave como Persona, Sombra, Projeção, Anima e Animus, e Individuação, aplicados à compreensão da conjugalidade. O quinto capítulo, *Abordagem Junguiana na Terapia de Casal*, apresenta as perspectivas, técnicas e intervenções específicas adotadas por autores junguianos no atendimento a casais.

No sexto capítulo, *Resultados e Discussão*, são apresentados os materiais coletados e organizados em três grupos: (1) Conflitos Conjugais, (2) Psicologia Analítica na Prática Clínica e (3) Individuação do Casal.

O sétimo e último capítulo trata das *Considerações Finais* sobre a pesquisa, que, ao mesmo tempo, servem como um convite para a realização de novos estudos na área, visando ampliar a discussão clínica da psicologia junguiana na terapia de casal.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

- Investigar os fundamentos teóricos da psicoterapia de casal junguiana, assim como as práticas envolvidas.

2.2 Objetivos Específicos

- Compreender os principais conceitos junguianos aplicáveis na terapia de casal.
- Analisar as práticas propostas na terapia de casal.

3. Revisão de pesquisa sobre a Terapia de Casal Junguiana

A revisão de pesquisa tem como objetivo construir uma contextualização para o problema e, simultaneamente, analisar as possibilidades de concepção do referencial teórico da pesquisa com base na literatura consultada (Alves-Mazzotti, 2002).

Diante disso, optou-se pela revisão narrativa de literatura, uma vez que sua natureza flexível e subjetiva permite a inclusão de fontes selecionadas conforme a relevância para o projeto. Essa abordagem mostrou-se eficaz devido à escassez de estudos sobre o tema, proporcionando uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, uma atualização concisa e objetiva sobre o assunto.

O levantamento realizado incluiu publicações científicas em revistas indexadas e livros acadêmicos publicados entre 2014 e 2024. A pesquisa digital abrangeu o *Google Scholar* e as bases de dados *Directory of Open Access Journal (DOAJ)*, Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) do Portal de Periódicos da CAPES, *PubMed (MEDLINE)*, Portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Journal Storage (JSTOR)*, *American Psychological Association (APA PsycNet)*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *Jung Journal: Culture and Psyche* (revista científica do *C.G. Jung Institute of San Francisco*).

Os descritores utilizados incluíram "terapia conjugal", "terapia de casais", "terapia de casal junguiana", "terapia de casal na clínica junguiana", "terapia de casal", "terapia de grupo de casais", "terapia junguiana de casais", "psicoterapia de casal" e "indivduação", em português e inglês, combinados em nove variações com o operador booleano "and".

O primeiro critério de exclusão dos artigos foi a data de publicação, sendo eliminados materiais com mais de dez anos. Em seguida, artigos de revisão foram excluídos para minimizar vieses interpretativos. Após essa triagem inicial, títulos e resumos foram analisados, removendo-se duplicatas e estudos que não contribuíam diretamente para o foco do estudo.

Para os livros acadêmicos, foram considerados apenas aqueles publicados nos últimos dez anos. Dentre esses, foram excluídos capítulos que abordavam a dinâmica relacional do casal de forma apenas teórica ou voltados para a família, selecionando-se apenas os capítulos que tratam especificamente da terapia de casal.

Este capítulo apresenta uma análise das publicações sobre psicoterapia de casal junguiana entre 2014 e 2024. Além de uma resenha das principais obras contemporâneas sobre o tema, o texto oferece um olhar crítico sobre o estado atual da produção teórica, destacando os avanços e as lacunas presentes na literatura.

3.1 Terapia de casal nas Obras Completas de Jung

No contexto psicoterapêutico, o casal é compreendido como um grupo, sendo seus membros, conforme Sei (2011), pessoas que possuem um conhecimento prévio um do outro antes do início do atendimento e que mantêm uma convivência contínua fora das sessões. Jung, por sua vez, deixou uma lacuna significativa na literatura da psicologia analítica no que se refere ao atendimento de casais. De acordo com Ettin (1995), essa ausência se deve, em grande parte, à resistência inicial de Jung à terapia de grupo, o que também influenciou sua visão sobre a psicoterapia de casal, marcada por sua desconfiança em relação à influência coletiva e pela preocupação com a preservação da individualidade.

Embora Jung expressasse preocupações de que grupos pudessem fomentar a conformidade e a regressão, reduzindo o nível de consciência e contrariando o processo de individuação, Ettin (1995) argumenta que a teoria junguiana, na verdade, é compatível com o atendimento de mais de uma pessoa, e, por conseguinte, com a terapia de casal. Isso ocorre principalmente por sua ênfase na transformação simbólica, permitindo que, no ambiente terapêutico, os casais não apenas confrontem suas projeções e sombras, mas também utilizem o processo de individuação para transformar a relação em uma oportunidade de crescimento mútuo.

No texto 'O casamento como relacionamento psíquico' (1931/2014a), Jung apresenta várias ideias sobre a dinâmica conjugal, oferecendo uma compreensão profunda dos conflitos que afetam o relacionamento entre os parceiros. Entre os principais fatores de desequilíbrio, destaca-se a transmissão psíquica geracional dos pais, uma ligação que frequentemente prejudica o processo de diferenciação dos indivíduos em relação à sua família. Além disso, Jung aborda a 'desigualdade de tempo no desenvolvimento' (Jung, 1931/2014a, §331c), explicando que, no casal, cada membro da relação conjugal pode apresentar um desenvolvimento psicológico diferente.

Nos relacionamentos afetivos, o 'envolvido' está profundamente imerso na relação, sem interesses externos significativos, o que o torna dependente do 'envolvente'. Este, por outro lado, busca expansão emocional e psicológica no parceiro, mas frequentemente se frustra devido à dependência que o 'envolvido' demonstra. Para Jung (1931/2014a), essa dinâmica reflete a busca por uma complementaridade essencial, onde cada parceiro, por meio de projeções inconscientes, tenta encontrar no outro os aspectos que sente faltar em si, numa tentativa de alcançar uma união completa. Essa busca é análoga ao mito do andrógino de Platão, em que dois polos complementares se unem para formar um ser perfeito e integral, representando o desejo profundo de cada indivíduo por plenitude e completude através da relação e do amor.

Sanford (2019) destaca que, no relacionamento amoroso, o 'envolvido' busca satisfazer suas necessidades emocionais e físicas dentro da relação, enquanto o 'envolvente' direciona sua libido para atividades externas, refletindo uma energia criativa reprimida. O 'envolvido' busca essa unidade dentro da relação, enquanto o 'envolvente' tende a procurá-la fora.

Esses padrões comportamentais, desde a escolha do parceiro até os dilemas vivenciados no relacionamento, são heranças de gerações anteriores, como Jung já havia mencionado em seu ensaio 'A Constelação Familiar' (1995/1909). Nesse trabalho, Jung (1995/1909) analisa os resultados do teste de associação de palavras aplicado a membros de várias famílias, identificando semelhanças entre os sujeitos de uma mesma família. Jung (1909/1995, §1005) analisa o caso de um casal com uma filha onde o pai era uma pessoa objetiva e a mãe subjetiva cuja filha vivia bastante próxima. No experimento, esperava-se que a filha tivesse um comportamento mais individual, com diversidade e irregularidade de associações. Contudo, observou-se o oposto. A filha compartilhava o modo de pensar de sua mãe, não apenas nas ideias, mas também na forma de expressão, chegando a usar as mesmas palavras. O pai e a mãe gravam o sinete de sua personalidade no fundo da psique da criança (Jung, 1909/1995, p. 498).

Jung (1909/1995) tinha notado em seus experimentos ele percebeu quanto o meio ambiente influencia na educação dos filhos. Dessa forma, a criança tende a internalizar e reproduzir, inconscientemente, os comportamentos dos pais. Nesse contexto, o objetivo dos relacionamentos afetivos pode ser

compreendido como uma busca por unidade, intimamente ligada ao que foi experienciado e aprendido na infância.

Embora Jung nunca tenha atendido casais diretamente, seu texto 'O casamento como relacionamento psíquico' é considerado a primeira obra teórica significativa para o atendimento de casais na psicologia clínica (Neto, 2005). No entanto, essa obra contém concepções que refletem os valores da época em que foi escrita, como a ideia de que apenas a união entre opostos femininos e masculinos seria a forma válida de relacionamento conjugal, limitando sua aplicabilidade às complexidades dos relacionamentos na sociedade contemporânea.

3.2 Levantamento Bibliográfico de Autores Junguianos

Durante a pesquisa de materiais publicados entre 2014 e 2024, chamou atenção a escassez de trabalhos dedicados especificamente à terapia de casal na abordagem junguiana, em contraste com a vasta literatura voltada para casais e suas dinâmicas relacionais de maneira mais ampla. Além disso, verificou-se que a maioria dos materiais encontrados sobre a terapia de casal junguiana está disponível apenas em língua portuguesa, como evidencia o quadro abaixo.

Quadro 1 - Obras junguianas publicadas entre 2014-2024

Id	Título do Estudo	Autores	Ano	Formato	Publisher
1	Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea.	Benedito, Vanda Lucia Di Yorio. (org.)	2021	Livro	Grupo Editorial Summus.
2	A vida compartilhada: um estudo sobre a terapia de casal e a descoberta de si.	Tobias, Thaisa; De Aguiar Miguel, Raquel; Da Rocha, Mauro Sérgio.	2020	Artigo	Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo.
3	Os sonhos na terapia junguiana de casal: um modelo de análise.	Pessoa, Maria Silvia Costa.	2017	Livro	Editora Appris.
4	Ellen Becker on Typology: Reflections on Working with Couples and the Influence of Typology.	Becker, Ellen.	2016	Artigo	Jung Journal.
5	Terapia de casal e de família na clínica junguiana.	Benedito, Vanda Lucia Di Yorio. (org.)	2015	Livro	Grupo Editorial Summus.

6	Sandplay therapy with couples within the framework of analytical psychology.	Albert, Susan Carol.	2015a	Artigo	Journal of analytical psychology.
---	--	----------------------	-------	--------	-----------------------------------

Fonte: O autor (2024).

O livro *Desafios à Terapia de Casal e de Família: Olhares Junguianos na Clínica Contemporânea*, organizado por Vanda Lucia Di Yorio Benedito (2021), dividido em duas partes, explora diversas facetas dos relacionamentos amorosos e familiares em diferentes estágios da vida.

Na primeira parte, intituladas "Diferentes olhares sobre os relacionamentos amorosos: encontros e desencontros", o livro explora desde a aplicação da teoria junguiana na terapia de casais visando a individuação conjugal até o impacto das tecnologias modernas nas relações. Destacam-se temas como a importância do sexo como união espiritual, os desafios enfrentados por casais homoafetivos, a dinâmica de desencontros amorosos exemplificada na história de Eco e Narciso, e o uso de trabalho corporal em terapia de casal.

A segunda parte do livro, "O casal nos diferentes ciclos da vida", aborda as diferentes fases da vida conjugal, desde a perinatalidade até o envelhecimento, passando pelos desafios de criar filhos pequenos e adolescentes. Esta seção trata de como a terapia junguiana pode auxiliar durante transições significativas como a parentalidade, a meia-idade dos pais, e o luto dentro do casamento, fornecendo um olhar sobre como essas etapas podem ser vistas como oportunidades de desenvolvimento e crescimento pessoal e relacional.

Para a análise, foram selecionados os capítulos que tratam da terapia de casal, excluindo-se, portanto, os capítulos voltados para a dinâmica relacional do casal de natureza teórica ou aqueles que abordam a família, os quais não foram contemplados na análise por não fazerem parte do objetivo da pesquisa.

O capítulo "A Abordagem Junguiana e a Terapia de Casal em Direção à Individuação Conjugal", escrito por Vanda Lucia Di Yorio Benedito (2021a), concentra-se no processo de individuação conjugal, no qual o casal busca o desenvolvimento e a integração de suas personalidades individuais dentro da dinâmica do relacionamento.

O texto aborda a técnica do uso de contos e histórias para expressar e processar conflitos emocionais, funcionando de forma metafórica para os problemas enfrentados pelos casais e auxiliando na reflexão sobre as experiências e comportamentos de cada membro da relação.

Além disso, o capítulo discute a presença de dinâmicas narcisistas nos relacionamentos, onde a necessidade de poder e controle pode sobressair ao amor e respeito mútuo.

Para a autora, a terapia de casal fundamenta-se no conceito de individuação, onde cada parceiro desenvolve sua própria identidade dentro do relacionamento, e na análise dos conteúdos da sombra do casal, o que envolve enfrentar e integrar aspectos desconhecidos ou reprimidos de si mesmo.

O capítulo "Sexo na Conjugalidade: Renascimento e Transformação no Século 21", escrito por Liriam Jeanette Estephano (2021), explora a complexa relação entre sexualidade e intimidade nos relacionamentos conjugais modernos. A autora parte da premissa de que a sexualidade em um relacionamento conjugal não é apenas uma expressão de desejo físico, mas também representa a *coniunctio oppositorum*, ou a união dos opostos, que contribui para o processo de individuação dentro do casamento por meio da integração de aspectos conflitantes.

A autora discute como desafios contemporâneos, como o estresse da vida moderna, as expectativas sociais e o uso excessivo de tecnologia, podem afetar negativamente a intimidade sexual, tornando o sexo algo vazio de sentido e mecanizado. Além disso, o capítulo destaca a importância de um diálogo aberto sobre a sexualidade dentro da psicoterapia de casal, permitindo que os parceiros comuniquem suas necessidades, medos e desejos.

No capítulo "Casais Homoafetivos: Afinando a Escuta", escrito por Adriana Lopes Garcia (2021), é feita uma reflexão sobre as dinâmicas relacionais entre casais homoafetivos, abordando as complexidades e os desafios enfrentados por esses casais. Para a autora, o preconceito, tanto externo quanto internalizado, torna-se uma barreira para o processo de individuação do casal. Nesse sentido, a terapia de casal, torna-se um possível catalisador do processo de individuação, no sentido junguiano de integração do *self*.

No capítulo "Corpo e Toque na Terapia Individual e de Casal: Psicologia Analítica e o Trabalho de Pethö Sándor", de Olga Maria Fontana (2021), é

apresentada uma abordagem de terapia de casal que integra tanto os aspectos psicológicos quanto somáticos dos membros da relação. A autora explora métodos de trabalho que ajudam os casais a se reconectarem emocional e fisicamente, incluindo o uso do toque terapêutico e de exercícios corporais.

Entretanto, a ética do toque na terapia, que exige cuidado extremo para garantir que o toque seja apropriado e consensual, sem transgredir os limites pessoais dos clientes, representa uma barreira significativa. Além disso, a resistência de muitos casais ao uso do toque e de exercícios corporais, devido a receios ou históricos de trauma, constitui um desafio adicional.

No capítulo "O Impacto da Tecnologia no Contexto do Casal e da Família", escrito por Andrea Castiel (2021), a autora explora a influência das inovações tecnológicas nas dinâmicas relacionais de casais e famílias, com um foco especial na adaptação da terapia de casal ao contexto tecnológico moderno. Entre os métodos utilizados, destaca-se o emprego de ferramentas digitais, como plataformas online para a realização de sessões terapêuticas, e tecnologias que permitem monitorar comportamentos e padrões de comunicação.

Contudo, a autora alerta que a integração da tecnologia na terapia de casal levanta preocupações sobre a privacidade e a segurança das informações e dados compartilhados, além do risco de a tecnologia criar uma barreira emocional ou gerar uma dependência de interações digitais, que pode prejudicar a dinâmica relacional dos parceiros.

No capítulo "Reflexões para uma Clínica Junguiana na Perinatalidade e na Parentalidade", de Betânia Farias (2021), a terapia de casal é abordada com um foco específico nas transformações que ocorrem durante a perinatalidade. Segundo a autora, as sessões são planejadas para incentivar os casais a compartilharem suas preocupações, ansiedades e expectativas relacionadas à chegada de um novo membro na família.

Os desafios para os terapeutas incluem auxiliar os parceiros a se conscientizarem sobre suas próprias experiências de infância e suas expectativas de parentalidade. Além disso, a chegada de um filho pode intensificar o estresse e exacerbar conflitos, exigindo dos terapeutas habilidades para mediar e apoiar o casal nesse período de ajustamento e transformação.

O artigo "A Vida Compartilhada: Um Estudo sobre a Terapia de Casal e a Descoberta de Si", de Raquel de Aguiar Miguel, Thaísa Renata Silva Tobias e Mauro Sérgio da Rocha (2020), explora os conceitos dos arquétipos *anima* e *animus*, destacando como esses elementos da psique ajudam a compreender as dinâmicas psicológicas profundas que influenciam a busca e a manutenção de relacionamentos amorosos.

Para os autores, a terapia de casal pode utilizar esses conceitos arquetípicos para entender os conflitos conjugais. O artigo aponta os desafios no manejo de projeções, frequentemente fontes de conflitos, onde o terapeuta auxilia os parceiros a reconhecerem as expectativas e imagens que projetam um no outro. Além disso, o manejo das dinâmicas de transferência e contratransferência é fundamental, pois sentimentos e desejos inconscientes são transferidos para o terapeuta ou entre os parceiros.

O livro *Os Sonhos na Terapia Junguiana de Casal: Um Modelo de Análise*, de Maria Silvia Costa Pessoa (2017), inicia com uma introdução sobre a importância dos sonhos na compreensão da dinâmica conjugal dentro da terapia de casal e propõe um modelo de intervenção que utiliza os sonhos para ajudar a resolver conflitos nos relacionamentos.

A obra aborda a natureza dos sonhos e sua simbologia, oferecendo uma revisão teórica sobre o tema e apresentando um método elaborado pela autora para a análise de sonhos em contextos conjugais. A estrutura proposta para a terapia de casal organiza-se em três fases: a exposição dos conflitos, a elaboração simbólica e a superação dos impasses.

Durante as sessões de terapia, os sonhos de cada parceiro são discutidos e analisados. O terapeuta ajuda o casal a refletir sobre possíveis interligações entre os conteúdos dos sonhos e os aspectos atuais de sua relação, identificando temas recorrentes e símbolos sobre o relacionamento. O papel do terapeuta é de facilitador, mediando as discussões e proporcionando um espaço seguro para que ambos os parceiros possam se expressar.

Para a autora, cabe ao terapeuta auxiliar o casal no processo de decodificação dos símbolos dos sonhos, o que exige um profundo entendimento da simbologia a partir de uma perspectiva junguiana e da capacidade de relacionar esses símbolos com a dinâmica do casal e seus conflitos. O terapeuta deve manter uma postura imparcial, a fim de evitar a imposição de suas próprias

interpretações ou preconceitos sobre os significados dos sonhos. Além disso, o manejo da transferência e contratransferência, além das projeções de conteúdos da sombra é essencial, pois os sonhos podem encontrar resistências nos clientes ao explorar os conteúdos inconscientes revelados ou ainda provocar respostas emocionais intensas tanto nos clientes quanto no próprio terapeuta.

O livro conclui com uma reflexão sobre as implicações do método proposto e suas contribuições tanto para o campo da psicologia junguiana quanto para a prática da terapia de casal. A autora incentiva a continuidade das pesquisas e a aplicação prática da análise de sonhos na terapia de casal, destacando seu potencial de compreensão dos relacionamentos no contexto terapêutico.

O artigo "Ellen Becker on Typology: Reflections on Working with Couples and the Influence of Typology", de Ellen Becker (2016), explora o uso da tipologia como uma ferramenta terapêutica no trabalho com casais. A autora argumenta que a tipologia serve como um recurso não julgador, permitindo que os casais compreendam melhor suas diferenças, desvendem mágoas e interpretações equivocadas, e reconheçam que a simetria perfeita não é necessária, mas que as divergências podem ser valiosas para a relação.

Becker exemplifica essa abordagem por meio do caso de Janet e Hugh, um casal cuja comunicação e interação eram marcadas por traumas passados e diferenças tipológicas. A aplicação da tipologia possibilitou que ambos aceitassem suas particularidades, facilitando uma maior presença e aceitação mútua.

O artigo também aborda os desafios enfrentados na terapia de casal, especialmente as interpretações rígidas e os sentimentos de culpa e vergonha que muitas vezes atuam como barreiras à comunicação e ao entendimento.

Becker destaca que os traumas de infância, traumas intergeracionais, negligências e complexos, combinados com variáveis como ordem de nascimento, gênero e questões multiculturais e socioeconômicas, intensificam a complexidade da terapia de casal. Essas dinâmicas pessoais, trazidas por cada indivíduo para a relação, tornam o processo terapêutico desafiador, exigindo paciência e resiliência, uma vez que emoções intensas frequentemente emergem durante as sessões.

O livro *Terapia de Casal e de Família na Clínica Junguiana*, organizado por Vanda Lucia Di Yorio Benedito (2015), apresenta a teoria e a prática clínica da psicologia analítica de Carl Jung no atendimento a casais e famílias, com contribuições de diversos especialistas da área.

Na primeira parte, os fundamentos teóricos são explorados no contexto terapêutico, discutindo-se temas como a conjugalidade e a terapia familiar, além do papel de Eros e do poder nessas relações. A segunda parte do livro concentra-se na prática clínica, trazendo estudos de caso e técnicas específicas, como o jogo de areia (*Sandplay*) com casais e a interpretação de sonhos.

Para a análise, foram excluídos os capítulos estritamente teóricos voltados à dinâmica relacional, aqueles que tratam da família e os escritos por autores já abordados na revisão, considerando que esses capítulos tratam do mesmo tema e aspectos presentes em suas respectivas obras anteriores, sejam livros, artigos ou capítulos de outras publicações.

O capítulo "Articulação teórica e prática entre a psicologia analítica e a psicoterapia de casal: um caso clínico", escrito por Adriana Garcia, Irany de Barros Agostinho, Isabel Cristina Ramos de Araujo, Maria Beatriz Vidigal B. Almeida, Maria da Glória Gonçalves de Miranda e Marli Tagliari (2015), estabelece um diálogo entre a teoria junguiana e a prática clínica na terapia de casais por meio de um estudo de caso.

O texto destaca a importância dos ensinamentos de Jung, mesmo sem sua atuação direta com casais. As autoras ressaltam que Jung valoriza as primeiras experiências de gratificação e frustração afetivas, moldadas pelas relações parentais, que se tornam determinantes tanto na escolha do parceiro romântico quanto nas dinâmicas relacionais afetivas dos indivíduos.

O estudo de caso de João e Maria ilustra um casal que busca terapia devido a ciúmes excessivos que culminaram em episódios de violência física, evidenciando uma crise profunda na relação. A abordagem terapêutica aplicou a teoria dos complexos na relação conjugal, integrando os conceitos de projeção, *persona*, sombra e o processo de individuação na dinâmica do casal. A terapia focou na amplificação da consciência dos parceiros, visando ajudá-los a romper com ciclos viciosos de comportamentos destrutivos.

O capítulo "A vivência da morte e o resgate da vida na terapia de casal: reflexões sobre um caso clínico", de Jane Eyre Sader de Siqueira (2015a),

explora o processo terapêutico de um casal que enfrenta a morte concreta de sua filha.

O texto inicia discutindo como a morte da filha, que sofria de uma doença degenerativa desde a infância, desencadeou um processo intenso de luto e transformação na dinâmica do casal. A terapia de casal concentrou-se na necessidade de confrontar e integrar a sombra, um passo essencial para que o casal começasse a compreender suas feridas emocionais e avançasse no processo de individuação.

A autora destaca o simbolismo da morte como um agente de mudança na terapia de casal, observando que a morte física também representava a "morte" de aspectos da vida conjugal que necessitavam de transformação.

O texto enfatiza a relevância do trabalho terapêutico para ajudar o casal a enfrentar não apenas a perda da filha, mas também a revisitar suas próprias identidades individuais e como casal.

O artigo "Sandplay therapy with couples within the framework of analytical psychology", de Susan Carol Albert (2015a), explora a aplicação da técnica de *Sandplay* (jogo de areia) na terapia de casais dentro do contexto da psicologia analítica. Desenvolvida por Dora Kalff, essa técnica fundamenta-se na psicologia junguiana e busca acessar material inconsciente de maneira não-verbal, permitindo que os casais expressem conflitos e dinâmicas internas por meio da criação de cenas com miniaturas na caixa de areia.

Albert destaca que o jogo de *Sandplay* oferece aos casais um método que facilita a revelação de conflitos inconscientes, criando oportunidades para reorganizar a relação. A manipulação da areia simboliza o contato com o inconsciente, e as cenas criadas refletem aspectos da psique dos parceiros, proporcionando uma compreensão simbólica das criações e das experiências subjetivas envolvidas no processo terapêutico.

O artigo aborda os desafios de manejar as transferências e contratransferências que surgem durante a terapia de casal. O jogo de areia (*Sandplay*), sendo uma abordagem não-verbal, pode provocar tanto resistência inicial quanto reações emocionais intensas em alguns casais, exigindo do terapeuta sensibilidade e habilidade para acolher e trabalhar com essas respostas de forma eficaz.

2.3 Breve comentário sobre a revisão bibliográfica

Realizou-se uma busca intensa em diversas bases de dados e indexadores com o objetivo de encontrar o máximo possível de materiais que abordassem o tema da psicoterapia de casal na abordagem junguiana. Contudo, a escassa quantidade de material disponível revela pontos que merecem consideração.

Primeiramente, constatou-se uma escassez significativa de obras dedicadas ao tema. Uma possível explicação para o reduzido número de estudos pode estar na cosmovisão original da abordagem junguiana em psicoterapia. Independentemente de os autores pertencerem à Escola Clássica¹, Desenvolvimentista² ou Arquetípica³, todos podem compartilhar, até certo ponto, da visão de mundo proposta por Jung. Nessa perspectiva, o atendimento simultâneo a mais de uma pessoa pode comprometer o aprofundamento individual, um aspecto central dessa abordagem terapêutica.

Contudo, os materiais localizados indicam um interesse crescente pela terapia de casal, sugerindo que compartilhar a cosmovisão junguiana não implica, necessariamente, em uma adesão estrita à visão original de Jung. Entre os achados, foram identificados materiais que empregaram diversos recursos de atendimento clínico, incluindo contação de histórias, análise de sonhos, jogo de areia (*Sandplay*), toque terapêutico e exercícios corporais. No entanto, outros métodos amplamente utilizados e recomendados aos psicólogos junguianos, como o uso de técnicas expressivas e imaginação ativa, não foram encontrados. Retirar, em amarelo

Além disso, conceitos junguianos como tipologia, *animal/animus*, persona, complexos, compreensão simbólica, amplificação da consciência, conteúdos inconscientes, *coniunctio oppositorum* e individuação foram empregados na análise e compreensão dos casos. Esses conceitos serviram a dois propósitos bem evidentes nas obras: auxiliar os parceiros a tomarem consciência de suas

¹A **Escola Clássica** mantém-se mais próxima das ideias originais de Jung, concentrando seu foco teórico no conceito de Self e no processo de individuação. Na prática clínica, valoriza a experiência e a busca pelo Self, enfatizando o desenvolvimento do indivíduo na segunda metade da vida.

²A **Escola Desenvolvimentista** focaliza o desenvolvimento humano desde o nascimento até a fase adulta, tendo como fonte a Escola Junguiana de Londres. Seus principais expoentes são Michael Fordham e Erich Neumann. Essa escola se aproxima da escola inglesa de Psicanálise.

³A **Escola Arquetípica**, resultado do trabalho de James Hillman, seu principal expoente, explora e desenvolve profundamente a importância dos arquétipos na vida das pessoas e o papel das imagens que emergem do inconsciente no processo analítico.

próprias experiências individuais — incluindo questões oriundas da infância e transgeracionais combinados com variáveis como ordem de nascimento, gênero e questões multiculturais e socioeconômicas — e interpretar os conflitos intersubjetivos, ou seja, a qualidade do vínculo da díade e as vivências emocionais compartilhadas pelo casal durante as sessões de psicoterapia de casal.

Adicionalmente, os materiais coletados discutiram questões de transferência e contratransferência, bem como o manejo de projeções e enfrentamento e integração da sombra, identificando-os como potenciais obstáculos no desenvolvimento das sessões, devido a resistências ao contato com conteúdos oriundos da infância ou temores relativos a mudanças na dinâmica relacional. Essas dinâmicas podem tanto impedir o terapeuta de lidar com as queixas do casal, quanto auxiliar o analista junguiano a adotar uma postura mais distante e consciente de suas próprias reações emocionais.

No entanto, observou-se a ausência de um aprofundamento dos conceitos empregados na psicoterapia de casal junguiana. Essa limitação pode gerar lacunas teóricas, deixando os profissionais sem uma base teórica robusta para apoiar o trabalho clínico.

Além disso, nenhum dos materiais analisados menciona a importância da própria personalidade do terapeuta como ferramenta essencial. Jung (1945/2013, §198) afirmava que o médico, ou terapeuta, é em si mesmo o próprio instrumento de trabalho. Compreender o significado do próprio modo de atuar com o casal e como isso influencia o vínculo terapêutico — ter um olhar atento sobre a *persona* do analista junguiano, independentemente das dinâmicas transferenciais, considerando como sua forma de ser, seus valores e atitudes impactam o processo terapêutico — é fundamental para que o analista compreenda como seu modo de atuar influencia o vínculo terapêutico.

Outro ponto de atenção é a escassez de materiais que abordem a diversidade das experiências humanas, incluindo diferentes culturas, orientações sexuais, identidades de gênero e contextos socioeconômicos. Embora alguns trabalhos tenham tratado de relações homoafetivas e do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), notou-se uma predominância de estudos focados no atendimento presencial e em casais heteroafetivos. É verdade que existiam barreiras para o emprego de ferramentas digitais — como

teleatendimento, videochamadas, jogos e dinâmicas digitais aplicadas à distância — até o advento da pandemia de 2019. Contudo, na sociedade atual, cada vez com menos limitações físicas, o uso de ferramentas digitais tem se mostrado essencial para que a interação humana continue existindo, independentemente da distância. Além disso, destaca-se a ausência de capítulos ou artigos que trabalhem com casais de pais adotivos, com diagnósticos clínicos, interracial, interculturais, negros, asiáticos, indígenas, trans e casais LGBTQIAPN+, o que limita a compreensão da diversidade das relações contemporâneas.

As queixas abordadas nos casos clínicos foram abordadas de forma criteriosa e detalhada e variaram desde problemas de comunicação e interação, dinâmicas narcisistas nos relacionamentos, ciúmes, questões de sexualidade, perinatalidade e luto. Contudo, questões consideradas clássicas na terapia de casal — por serem recorrentes na clínica — como traição, separação, diferentes tipos de violência entre o casal, divergências relativas a afazeres domésticos, dependência emocional e problemas relacionados à criação dos filhos não tiveram trabalhos divulgados. Além disso, nos últimos dez anos, outras queixas têm emergido na clínica, como questões financeiras e políticas, e a abertura do relacionamento com dinâmicas poliamorosas ou poligâmicas que também não foram discutidas.

A distribuição das publicações, com predominância de livros acadêmicos e menor quantidade de artigos científicos, indica uma limitação na diversidade dos tipos de publicações. Artigos em revistas científicas são essenciais para a validação acadêmica e a disseminação de novas pesquisas. A repetida adaptação e publicação de ideias por um grupo limitado de autores podem criar uma "câmara de eco" acadêmica, onde novas ideias e perspectivas tornam-se sub-representadas. Isso pode levar à homogeneização do pensamento e à falta de diversidade na pesquisa.

Essas considerações destacam a urgência de expandir a produção de conhecimento sobre a terapia de casal junguiana, incentivando a publicação de trabalhos que desenvolvam os conceitos teóricos, abordem questões contemporâneas e sejam divulgados em outras línguas. Isso promoveria um diálogo mais diversificado e robusto sobre o potencial dessa abordagem terapêutica.

4. Fundamentos teóricos da Psicologia Junguiana de Casais

Para compreender a dinâmica conjugal, a pesquisa se baseou em conceitos fundamentais da psicologia junguiana, como *Persona*, *Projeção*, *Complexos*, *Sombra*, *Anima/Animus* e *Individuação*. Esses conceitos se manifestam de maneira particularmente evidente no *setting* terapêutico com casais.

4.1 *Persona*: A construção de identidades nos relacionamentos conjugais

A *persona* é entendida como um complemento funcional que surge das necessidades de adaptação ou conveniência. Stein (2006) identifica duas fontes da *persona*: as expectativas e demandas sociais e as ambições individuais.

O casamento, conforme descrito por Pessoa (2017), é um processo dinâmico que engloba uma variedade de elementos, resultando em um modelo de funcionamento único e flexível. A compreensão do casamento a partir de suas raízes arquetípicas, assim como pelas experiências de vida que se desdobram dele, oferece uma perspectiva mais aprofundada sobre essa união. Portanto, o casamento não deve ser reduzido à *persona*, isto é, não deve ficar restrito a um modelo ou estereótipo social ligado apenas ao coletivo.

Hewison (2003) aponta que o casamento se baseia nas imagens arquetípicas da união dos opostos, e a tensão entre as polaridades de individualidade e conjugalidade é uma presença constante. Essa visão propõe um entendimento mais profundo do relacionamento conjugal, ultrapassando os papéis e expectativas sociais, e levando em conta as complexidades e dinâmicas únicas de cada união.

A construção de uma *persona* coletivamente adequada representa uma grande concessão ao mundo exterior, forçando o Eu a se identificar com a *persona*. A *persona* é, portanto, um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, que existe por razões de adaptação ou conveniência pessoal (Jung, 1928/2014c, §305). Em um relacionamento amoroso, os indivíduos muitas vezes criam ou adaptam suas *personas* para se alinharem às expectativas do parceiro ou da relação em si.

Esta situação se torna problemática quando um dos parceiros, ou mesmo ambos, adotam papéis rígidos e impedem as trocas entre si, paralisando o processo de individuação de cada um (Vargas, 2004). Por exemplo, uma pessoa pode assumir a *persona* de parceiro atencioso e prestativo, buscando

corresponder ao que acredita serem as expectativas do cônjuge ou da sociedade sobre como se comportar em um relacionamento. Em outros casos, um dos parceiros pode se ver forçado a ser o provedor a todo custo, modificando comportamentos, interesses ou até aspectos da personalidade para se adaptar à dinâmica conjugal.

No entanto, a identificação total com a *persona* pode levar ao desenvolvimento de uma personalidade artificial e, eventualmente, a neuroses, devido ao afastamento do *Si-mesmo*. Jung (1916/2014b) descreve a *persona* como um complexo sistema de relações entre a consciência individual e a sociedade. É uma máscara que serve a dois propósitos: causar uma impressão específica nos outros e ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. Quando a *persona* de um ou ambos os parceiros se cristalizam, atuando como uma barreira que oculta conteúdos internos e se fixa em traços repetitivos, impede encontros autênticos consigo mesmo e com o parceiro. Nesse processo, aspectos essenciais da personalidade são ocultados, e a relação pode se tornar superficial ou baseada em ilusões.

A polaridade criativa da *persona* manifesta-se na adaptação e interação social, enquanto o polo defensivo se expressa na conformidade. Uma *persona* conjugal flexível é benéfica para a união, pois protege os parceiros e legitima a relação perante as pressões sociais e as expectativas sobre os papéis desempenhados (Pessoa, 2017). A *persona* conjugal é necessária e saudável, englobando os papéis sociais do casal perante a sociedade, a família de origem e os membros da família atual. No entanto, um casal excessivamente identificado com essa *persona* corre o risco de se distanciar da essência da relação e se desgastar com o cotidiano, perdendo o verdadeiro significado do relacionamento.

Encontrar o equilíbrio entre a *persona* e a individualidade, visando à construção da identidade psicológica de cada membro e do casal, é uma tarefa desafiadora. O casamento não tem como objetivo a felicidade de cada cônjuge, mas, como observa Pessoa (2017), ele se origina do encontro entre duas pessoas adultas, que são responsáveis por construir o casamento.

4.2 Projeções: A influência da sombra e dos complexos parentais no amor

Segundo Jung (1931/2014a, §330), a escolha do parceiro muitas vezes se dá por vias inconscientes, desde que o casamento não tenha sido mediado

pela racionalidade, pela habilidade estratégica ou pelo "amor providente" dos pais. Além disso, essa escolha pode ser distorcida pela educação inadequada ou pela interferência de complexos parentais negligenciados e não elaborados. Quando há uma ausência de consciência, os indivíduos tendem a projetar aspectos inconscientes no parceiro, presumindo que ambos compartilhem uma estrutura psíquica similar, o que constitui uma falta de diferenciação.

As características mais atraentes no parceiro também são aquelas que carregam uma carga significativa de sentimentos ambivalentes (Scarf, 1991). A seleção de um parceiro amoroso pode ser influenciada por fatores inconscientes, levando a relações marcadas por projeções de sombra e *anima/us*.

A projeção da sombra, conforme Jaffé (1989), envolve conteúdos que não se conformam às normas sociais, culturais e religiosas. Quando esses conteúdos emergem no relacionamento, os parceiros frequentemente atribuem ao outro características que pertencem à sua própria psique reprimida. Esse fenômeno psíquico pode ser visto em casais onde, por exemplo, um parceiro com um forte complexo de inferioridade projeta sua inadequação no cônjuge, vendo-o como superior ou desdenhoso, quando, na realidade, essa percepção reflete uma dinâmica interna não resolvida.

Whitmont (1991) afirma que a sombra é reprimida para que o Eu ideal possa emergir, e essa repressão muitas vezes encontra expressão através da projeção sobre o outro. A repressão de certos traços, desejos ou emoções ocorre porque são considerados incompatíveis com os valores e expectativas do ambiente cultural e social o que pode levar ao casal a vivenciar conflitos e mal-entendidos quase que diariamente. Essa dinâmica é particularmente desafiadora em relacionamentos, onde o parceiro se torna o depositário das qualidades que o indivíduo não pode integrar conscientemente.

Albert (2015b) observa que a ausência de consciência individual no relacionamento resulta em uma dinâmica predominantemente projetiva, na qual os parceiros interagem com imagens internas e arquétipos, em vez de enxergar o outro de forma objetiva. Isso pode ser ilustrado quando um indivíduo projeta no cônjuge a figura arquetípica do salvador, atribuindo a ele o papel de sanar suas feridas emocionais, curar traumas antigos e preencher lacunas afetivas. Quando o parceiro inevitavelmente falha em corresponder a essa expectativa arquetípica, a decepção e o ressentimento surgem, sem que o indivíduo se dê

conta de que essas expectativas eram, na verdade, projeções de conteúdos internos.

No entanto, conforme Siqueira (2015b), o relacionamento amoroso oferece uma oportunidade ímpar para o confronto dessas projeções, permitindo a elaboração consciente e a consequente ampliação da consciência. Através desse confronto, o casal pode compreender que determinadas reações, como ciúmes ou frustração, são resultado de projeções oriundas de suas próprias dinâmicas internas, ligadas a experiências anteriores, muitas vezes relacionadas às figuras parentais. Esse processo de individuação se desenrola à medida que o indivíduo retira as projeções e começa a enxergar o parceiro com mais autenticidade.

Na psicoterapia de casal, é comum observar que muitos conflitos têm origem na projeção de complexos não resolvidos, que são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de intensa energia afetiva. Jacobi (2016) define os complexos como constelações psíquicas formadas por memórias, traumas e experiências significativas, que possuem uma autonomia parcial e se manifestam na consciência de maneira inconsciente. No contexto conjugal, a ativação de complexos pode interferir diretamente na comunicação entre os cônjuges. Um indivíduo que carrega um complexo de rejeição, por exemplo, pode interpretar ações neutras do parceiro como sinais de abandono iminente, desencadeando reações emocionais desproporcionais que não estão ancoradas na realidade objetiva da relação.

Jung (1934/2014h, §201) descreve os complexos como imagens psíquicas fortemente carregadas emocionalmente, frequentemente incompatíveis com a atitude consciente habitual. Quando manifestados em relacionamentos, os complexos podem aparecer como segredos emocionais ou vulnerabilidades que os parceiros evitam revelar. Um exemplo disso pode ser visto em casais onde um dos parceiros possui um complexo de poder ou controle, resultado de experiências passadas de impotência ou submissão. Esse complexo se expressa na tentativa de controlar todas as decisões dentro do relacionamento, criando uma dinâmica disfuncional que bloqueia o crescimento conjunto.

Benedito (1996) explora a dinâmica entre projeções criativas e defensivas. A projeção defensiva, caracterizada pela idealização do parceiro, muitas vezes

serve como uma defesa psíquica contra o confronto com aspectos não integrados do *Si-mesmo*. Nesse sentido, o parceiro idealizado assume uma função arquetípica dentro da psique do outro, ocupando o lugar de um "objeto ideal", que serve para manter a ilusão de completude narcísica. Todavia, quando essa projeção é confrontada e elaborada de forma criativa, ela facilita um encontro com o inconsciente, permitindo que o indivíduo retome o processo de individuação, integrando os aspectos idealizados que inicialmente foram projetados no parceiro.

Sanford (2019) enfatiza que as projeções, em si, não são intrinsecamente negativas ou positivas. O essencial é como essas projeções são reconhecidas e trabalhadas dentro da relação. No processo de individuação, o casal que é capaz de retirar as projeções e aceitar o parceiro como um ser autônomo e distinto pode desenvolver uma relação mais autêntica e menos marcada por fantasias inconscientes. No entanto, ignorar ou negar essas projeções leva a uma cristalização da relação, onde os parceiros permanecem presos a dinâmicas repetitivas e inconscientes, impedindo o crescimento tanto individual quanto conjugal.

As projeções e os complexos, portanto, são inerentes à condição humana e constituem uma parte fundamental do desenvolvimento das relações amorosas. Reconhecer esses mecanismos, por meio de um processo consciente de diferenciação, permite que o relacionamento se transforme de uma arena de repetição inconsciente para um espaço de crescimento psíquico mútuo.

4.3 *Anima & Animus*: A complexidade dos relacionamentos amorosos

Os arquétipos de *anima* e *animus*, como formulados por Jung, representam aspectos centrais do inconsciente que se manifestam em projeções sobre o parceiro amoroso. A *anima* simboliza o arquétipo do feminino no inconsciente do homem, enquanto o *animus* reflete o arquétipo do masculino no inconsciente da mulher. Entretanto, é crucial observar que as formulações de Jung sobre contrassexualidade refletem visões de gênero de sua época, enraizadas em uma compreensão binária de masculino e feminino. Com o passar do tempo, essas definições têm sido amplamente revisadas à luz de novas concepções sobre gênero, sexualidade e os arranjos de relacionamento contemporâneos.

Conforme Reis (2007), a projeção de *anima* e *animus* se intensifica no estado de apaixonamento, quando os parceiros se sentem atraídos por qualidades que idealizam, mais do que pela pessoa real à sua frente. Esse fenômeno revela a falta de conscientização sobre essas imagens arquetípicas e reforça um individualismo narcisista que impede o reconhecimento genuíno do outro. Em vez de compreender o parceiro em sua totalidade, os indivíduos projetam nele os aspectos inconscientes de si mesmos, perpetuando uma relação com a própria imagem, e não com a realidade do cônjuge.

No entanto, é fundamental sublinhar que a forma como uma grande maioria dos relacionamentos se constituía na época de Jung difere significativamente das dinâmicas afetivas atuais. Giddens (1993) argumenta que os relacionamentos contemporâneos se baseiam em um amor confluyente, onde a ênfase está na troca emocional, na satisfação individual e na negociação contínua. Isso contrasta com os relacionamentos do passado, marcados por papéis fixos de gênero e uma hierarquia rígida entre os parceiros. Giddens (1993) aponta que, na modernidade, as relações amorosas são cada vez mais estruturadas em torno de ideias de prazer, equidade e liberdade individual, refletindo uma democratização dos afetos. Essa transição para o que ele chama de "relacionamento puro" rompe com a visão tradicional de Jung, que se baseava em papéis masculinos e femininos claramente definidos.

Nesse sentido, a concepção clássica de Jung sobre *anima* e *animus* como projeções contrassexuais deve ser reconsiderada. Em vez de funcionarem apenas como polaridades entre masculino e feminino, esses arquétipos devem ser vistos como dinâmicas psíquicas internas que transcendem o gênero. Embora Sanford (2019) descreva a *anima* e o *animus* como "parceiros invisíveis" que influenciam os relacionamentos heterossexuais, essa perspectiva se torna insuficiente para abordar a diversidade de arranjos afetivos atuais, que incluem casais LGBTQIAPN+, relações não monogâmicas e identidades não-binárias. A ideia de que esses arquétipos apenas refletem qualidades contrassexuais fixas é, hoje, anacrônica.

Von Franz (2016) descreve como a *anima* no homem pode ser influenciada pela imagem da mãe, levando a comportamentos que variam entre a apatia e a hipersensibilidade. O *animus* na mulher, composto por figuras masculinas internalizadas, tende a se manifestar como opiniões rígidas e

atitudes dominantes, conforme Whitmont (1998). Embora essas descrições ainda sejam úteis para alguns contextos, limitá-las às relações heterossexuais monogâmicas não reconhece a complexidade das expressões contemporâneas de gênero e sexualidade.

A crítica ao essencialismo de Jung, feita por autores como Hillman (1985) e Fillus (2012), é crucial para entender essa mudança. Hillman (1984), por exemplo, argumenta que o arquétipo da *anima* transcende os limites de gênero, sendo aplicável a qualquer indivíduo, independentemente de sua identidade sexual. Essa visão permite uma maior flexibilidade na compreensão das projeções psíquicas, abrindo espaço para que as experiências afetivas e sexuais não sejam mais entendidas de forma rígida, mas como parte de um continuum de possibilidades.

Samuels (1992) também desafia a perspectiva tradicional de Jung, criticando a ideia de que a heterossexualidade é a norma universal. Ele afirma que, embora os conceitos de *anima* e *animus* fossem coerentes no tempo de Jung, sua aplicabilidade na contemporaneidade deve ser revista. Os arranjos afetivos modernos, como relações homossexuais e poliamorosas, exigem uma compreensão mais inclusiva e fluida desses arquétipos, que leve em consideração a diversidade de formas de amar e de se relacionar.

Essa pluralidade de configurações relacionais, que Giddens (1993) descreve como relacionamento puro, ressalta a transição de uma era de papéis fixos e hierárquicos para uma era de flexibilidade e igualdade entre os parceiros. Essa mudança não apenas redefine a dinâmica de poder nos relacionamentos, mas também questiona a adequação dos conceitos arquetípicos tradicionais para explicar as novas formas de vínculo afetivo. Enquanto *anima* e *animus* ainda podem ser úteis como conceitos para entender certas dinâmicas inconscientes, é fundamental ampliá-los para abranger a variedade de experiências humanas, que vão além do binarismo de gênero e da heteronormatividade.

Portanto, à luz das novas compreensões sobre as relações e identidades de gênero, é necessário revisar os arquétipos de *anima* e *animus* de forma que eles não se limitem a funções contrassexuais. Ao invés de reforçar um binarismo que já não reflete as realidades afetivas contemporâneas, esses arquétipos devem ser vistos como polaridades internas que se manifestam de maneira

diversa em todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Dessa forma, *anima* e *animus* podem ser ferramentas úteis para a compreensão das dinâmicas inconscientes nos relacionamentos, sem, no entanto, aprisioná-los em concepções rígidas de masculinidade e feminilidade.

4.4 Individuação: Encontro, conflito e crescimento pessoal na conjugalidade

Conforme Jung (1946/2013f, §448), o processo de individuação é composto por dois aspectos cruciais: de um lado, um processo interno e subjetivo de integração, e de outro, um processo objetivo de relação com o outro. Ambos são igualmente essenciais e estão intrinsecamente interconectados, formando uma relação de dependência mútua, embora um desses aspectos possa predominar em certos momentos ou fases do relacionamento. A individuação, nesse contexto, não é apenas a busca pela realização pessoal, mas também o reconhecimento do outro como um parceiro autônomo no relacionamento.

Jung (1916/2014b, §269) articula a meta da individuação como o processo pelo qual o *si-mesmo* se liberta dos falsos invólucros da persona e do poder sugestivo das imagens primordiais do inconsciente coletivo. Esse processo envolve a revisão de experiências familiares e a confrontação com expectativas projetadas pela família de origem, que se manifestam como complexos e sombra, influenciando os padrões de comportamento dentro do relacionamento atual. O desafio reside, assim, em equilibrar o desejo pela liberdade pessoal com o compromisso de reconhecimento do outro.

Jung (1928/2014d, §310), argumenta também que a meta da individuação, que é a realização do *si-mesmo*, exige também que o indivíduo tome consciência de seu sistema invisível de relações com o inconsciente, particularmente com a *anima* e o *animus*, para poder se diferenciar dela. Quando não se reconhece a existência dessa imagem arquetípica, ambos experienciam reações fascinantes e irresistíveis, tanto para o bem quanto para o mal.

Sanford (2019) vê o casamento como a união de duas pessoas, impulsionada tanto por fatores de aproximação quanto por aspectos que distanciam, sendo esses últimos parte integrante da individualidade. A relação conjugal, permeada por desejos, aspirações, frustrações e conquistas, pode

manifestar-se tanto como fonte de felicidade pessoal quanto como cenário para crises e angústias psicológicas.

Benedito (1996) propõe que abordar o casamento sob essa perspectiva implica redefinir a relação: de uma instituição desgastada para um percurso pessoal para aqueles que buscam romper com as vinculações inconscientes infantis e reformular a maneira como se relacionam com o mundo, baseando-se em fundamentos distintos.

Um dos maiores desafios nesse processo de individuação é a tendência, presente em muitos relacionamentos, de um parceiro se perder no outro, levando à fusão emocional ou à codependência. Jung (1931/2014a) advertia contra esse fenômeno, argumentando que uma verdadeira união entre duas pessoas só pode ocorrer quando ambos os indivíduos preservam suas próprias identidades.

Germano (2019) aponta quatro fatores que podem influenciar o processo de individuação: a tomada de consciência de si mesmo; o reconhecimento das projeções; o aprendizado sobre como gerenciar conflitos conjugais; e a compreensão da dinâmica entre anima e animus na relação. Com base nesses elementos, pode-se considerar que o casamento oferece um ambiente favorável para o processo de individuação, uma vez que incentiva e sustenta esse desenvolvimento ao longo da relação.

No entanto, à medida que a contemporaneidade redefine os laços interpessoais, torna-se evidente que a noção de individuação, ao menos na sua interpretação clássica, necessita de revisão. A concepção de Jung, que tratava predominantemente de relações heteronormativas e monogâmicas, assume que o caminho da individuação é realizado através do diálogo e da troca em um contexto de união estável e duradoura.

Em contraste, Bauman (2004), propõe que as relações na modernidade líquida são caracterizadas pela fragilidade e pela efemeridade dos laços humanos. Para Bauman (2004), os relacionamentos contemporâneos são estabelecidos e dissolvidos com relativa facilidade, sem o peso das expectativas de durabilidade que marcavam as gerações anteriores. Ele argumenta que a "liquidez" das relações faz com que o compromisso e a permanência sejam vistos como fardos indesejáveis, levando as pessoas a preferirem vínculos flexíveis que possam ser desfeitos rapidamente, sem grandes complicações emocionais.

Nesse sentido, o processo de individuação descrito por Jung, que pressupõe a coexistência de liberdade individual e compromisso com o outro, é desafiado pela fluidez dos relacionamentos modernos. Bauman (2004) sugere que, em um contexto de "individualização furiosa", os relacionamentos são ambíguos, oscilando entre o sonho de intimidade e o pesadelo da dependência. A busca por um equilíbrio entre autonomia e união é cada vez mais difícil, já que a "liquidez" das relações facilita o rompimento antes que o encontro dialético e a troca profunda possam ocorrer.

Guggenbühl-Craig (1991) já observava que o casamento é um *opus contra naturam*, um espaço onde a busca pelo bem-estar e felicidade é muitas vezes interrompida por frustrações e conflitos. As decepções, o sofrimento e a morte de sonhos e idealizações podem representar desafios significativos. Cada indivíduo, enfrentando essas crises, coloca-se em uma condição existencial de desequilíbrio, gerando vulnerabilidade. Essa dinâmica pode ser comparada à parábola dos porcos-espinhos de Schopenhauer: os parceiros sentem o frio da solidão, mas, ao tentarem se aproximar para buscar calor e proximidade, acabam se ferindo com seus próprios espinhos (Karnal, 2018, p.7). Assim, o casamento exige um equilíbrio constante entre a necessidade de intimidade e a preservação da individualidade, evitando que um parceiro fira o outro no processo.

Esses momentos de crise, de acordo com Schwartz-Salant (2003), podem ser vistos como oportunidades para a individuação, desde que o casal reconheça o conflito como parte integrante da relação. A convivência diária, repleta de encontros e desencontros, permite que cada cônjuge lide de maneira singular com seu repertório interno, configurando-se como uma fonte de informações valiosa. Essa dinâmica proporciona a ambos a oportunidade de autoavaliação e revisão de suas posições, especialmente nas crises, onde as tensões emergem e promovem o potencial para crescimento e transformação pessoal e conjugal.

Ademais, as relações contemporâneas — que incluem arranjos não monogâmicos, homoafetivos e identidades de gênero fluídas — parecem desafiar a concepção dos arquétipos de *anima* e *animus*, os psicopompos⁴ da

⁴ A palavra "psicopompo" vem do grego antigo "psychopompós" (ψυχοπομπός), composta por "psyché" (ψυχή), que significa "alma" ou "espírito", e "pompós" (πομπός), que significa "aquele que guia" ou "condutor". Jung referia-se à Anima e ao Animus como "psicopompo" ou "guia da alma", pois essas estruturas psíquicas possibilitam e facilitam a relação entre a consciência e o inconsciente.

psique, ao processo de individuação. Tais relações afetivas podem fazer um convite a repensar os arquétipos e o processo de individuação, abrindo espaço para outras leituras e significados no caminho da integração psíquica.

Outro ponto que poderia ser considerado é a pouca atenção dada, na literatura, ao processo de individuação no contexto de rupturas amorosas. As definições mais tradicionais tendem a enfatizar o encontro dialético e o conflito como motores do crescimento pessoal dentro do relacionamento. Quanto mais trocas e interações ocorrem, mais os parceiros têm a oportunidade de se reconhecerem em sua autenticidade e aprenderem a partir das diferenças. Contudo, o término de um relacionamento, que muitas vezes envolve crises e embates, pode também ser um momento significativo para o processo de individuação. Com exceção dos casos abordados no trabalho com grupos de mulheres (Parisi, 2009), ainda parece haver uma lacuna na discussão sobre a separação amorosa como parte do desenvolvimento psíquico.

Quando uma relação estagna e já não parece oferecer espaço para o crescimento psicológico — quando os parceiros vivenciam uma simbiose que dilui a distinção entre o "eu" e o "outro" —, a separação pode ser um caminho necessário para que cada indivíduo continue seu próprio processo de individuação, sem se perderem na fusão emocional (Jung, 1931/2014a). Nesses casos, o rompimento pode ser visto como uma oportunidade de reconstrução e de retomada do caminho da individuação.

Conforme aponta Boechat (2009), o processo de individuação é contínuo e se molda por fatores tanto internos quanto sociais ao longo da vida. Ele parece refletir a complexidade das interações entre o mundo interno e o externo, ocorrendo tanto dentro quanto fora dos relacionamentos afetivos, atravessando seus começos, meios e finais. Cada relação interpessoal oferece, assim, oportunidades únicas para o crescimento, desafiando os indivíduos a integrarem suas experiências internas com as demandas e influências do ambiente externo.

5. Abordagem Junguiana na Terapia de Casal

Este capítulo explora as concepções teóricas desenvolvidas por junguianos no contexto da terapia de casal. Ao realizar uma análise das contribuições mais relevantes até o momento, são apresentados as diretrizes e recomendações propostas por autores que se dedicaram a investigar essa área específica dentro da psicologia junguiana.

5.1 Terapia de Casal Junguiana

Na prática clínica, a terapia de casal geralmente ocorre em contextos remediativos – quando há desgaste significativo e mágoa entre os parceiros – ou paliativos – quando o prognóstico de manutenção do relacionamento é desfavorável. Em poucos casos, a terapia é buscada de forma preventiva, já que muitos casais resistem a mudanças profundas.

Embora Jung não tenha escrito diretamente sobre a terapia de casal, pesquisadores junguianos desenvolveram abordagens específicas para o atendimento de casais. Young-Eisendrath (1995), por exemplo, a partir de uma perspectiva junguiana e feminista, propôs a coterapia, utilizando técnicas de escuta ativa e comunicação eficaz para facilitar o diálogo entre os parceiros, com foco nos padrões disfuncionais de comportamento e nas feridas emocionais do passado. Outros, como Benedito (1995), centraram-se no processo de simbolização de imagens arquetípicas, utilizando recursos do psicodrama, enquanto Vargas (1981; 1995; 2004) aplicou a tipologia de Jung na terapia de casal. Nell (1975; 2005) e Pessoa (2011; 2017) trabalharam com sonhos em seus atendimentos, embora Pessoa tenha optado por aplicar a psicoterapia individualizada com cada casal, em vez de um grupo vivencial. Já Albert (2008; 2015a) utilizou o jogo de areia (*Sandplay*) para casais inférteis, proporcionando um espaço simbólico para explorar suas questões.

Pessoa (2017) argumenta que uma das metas da terapia de casal é mobilizar as forças psíquicas criativas da relação, tratando o casamento como um "vaso alquímico" no qual ambos os parceiros podem se transformar. A terapia, ao criar um espaço receptivo de comunicação, possibilita que os cônjuges expressem e explorem suas emoções, pensamentos e expectativas, promovendo uma maior compreensão das dificuldades e desafios do relacionamento.

Benedito (1996) aponta que muitos dos conflitos no casamento decorrem da resistência dos parceiros em abordar abertamente questões que geram desentendimentos. Muitas vezes, essa resistência está enraizada no medo do desconhecido ou no receio de confrontar diferenças, o que leva os indivíduos a se apegarem a crenças já estabelecidas, evitando explorar novas possibilidades que poderiam revelar tensões internas e externas.

Garcia et al. (2015) sugerem que o padrão relacional das experiências parentais, sejam elas gratificantes ou frustrantes, influencia as expectativas e desejos que os indivíduos trazem para seus relacionamentos ao longo da vida. Assim, a terapia de casal junguiana busca expandir a consciência dos parceiros, com foco tanto nas feridas e complexos individuais quanto nas complementaridades da relação conjugal.

A literatura junguiana sobre orientações práticas para a terapia de casal ainda é escassa. No entanto, Young-Eisendrath (1995) defende o uso da coterapia, onde dois terapeutas trabalham juntos com o casal, oferecendo múltiplas perspectivas e enriquecendo a análise das dinâmicas conscientes e inconscientes presentes no relacionamento. Essa abordagem, embora complexa, favorece a observação de projeções e fantasias que surgem na interação entre os parceiros.

Hewison (2003) reforça essa ideia ao destacar que a colaboração entre terapeutas facilita a observação das dinâmicas inconscientes e permite observar e intervir nas dinâmicas do casal. Contudo, Young-Eisendrath (1995) alerta para os desafios logísticos e emocionais de manter uma parceria terapêutica, como a necessidade de alinhamento de horários, honorários e a coordenação das sessões.

Apesar de as características da coterapia favorecerem uma análise mais abrangente e reduzir possíveis “pontos cegos”, estabelecer uma parceria de coterapia pode ser um desafio, como destaca Young-Eisendrath (1995). Diversos fatores logísticos podem complicar essa abordagem, como a necessidade de sincronizar atendimentos presenciais ou remotos, coordenar horários de forma adequada, definir os honorários de ambos os terapeutas e adequar os valores à capacidade financeira do casal, além de decidir o número de sessões e a duração de cada uma.

A pandemia de COVID-19 acelerou uma tendência que já estava em desenvolvimento na terapia de casal: o atendimento remoto e o uso de tecnologias digitais como extensão da terapia. Durante a pandemia, muitos atendimentos migraram para o formato de videoconferência, e essa prática parece estar consolidada como uma alternativa viável. A terapia de casal realizada de forma virtual tem resultados tão satisfatórios quanto o formato presencial (de Boer et al., 2021). A videoconferência, inclusive, resolve alguns dos principais entraves históricos da terapia de casal, como a dificuldade de alinhar horários ou a impossibilidade de realizar sessões presenciais por conta de questões geográficas, como deslocamento devido ao trabalho ou outras obrigações (Lebow & Snyder, 2022). Para muitos casais, a flexibilidade do atendimento virtual facilita o acesso ao tratamento, permitindo que ele seja realizado no conforto e privacidade de suas casas, ou em outro local de preferência, além de oferecer maior facilidade na hora de agendar as sessões.

Na maioria dos casos, a procura por terapia de casal está relacionada a conflitos em que os parceiros enxergam um ao outro ou a própria relação como fonte de sofrimento. Gomes & Levy (2010) descrevem essa dinâmica como a personificação de um "bode expiatório" ou o desenvolvimento de uma "vitimização". Nessas situações, os problemas apresentados frequentemente envolvem uma relação simbiótica, conflituosa ou mesmo agressiva.

As queixas mais recorrentes são os problemas de comunicação, isto é, a tendência de projetar a origem dos conflitos no comportamento do outro, em vez de reconhecer a natureza mútua das dificuldades de comunicação (Young-Eisendrath, 1995). Além disso, a autora aponta os filhos como a outra principal queixa dos casais. Nessa situação, o casal apresenta conflitos devido ao comportamento dos filhos na escola ou a problemas de conduta em casa. Isso revela a falta de orientação educacional para pais, que é necessária para o casal.

Muitos casais também procuram terapia quando percebem que a confiança básica foi rompida e o contrato original da relação, violado, seja por um ou por ambos os parceiros. Outra situação recorrente ocorre quando o contrato inicial nunca foi revisado ou atualizado, gerando ressentimentos e mágoas que se acumulam ao longo do tempo (Young-Eisendrath, 1995). Situações como infidelidade, violência, disputas de poder, enfermidades, sexualidade e até vícios como alcoolismo, drogas e pornografia também levam

os casais a buscarem ajuda profissional. Contudo, essas questões representam apenas a camada superficial dos problemas, que podem revelar dinâmicas mais profundas e enraizadas, como relações simbióticas ou agressivas, conforme discutido por Gomes & Levy (2010).

Young-Eisendrath (1995) observa que, em muitos casais heterossexuais, a mulher é a principal motivadora da busca por terapia de casal, especialmente em questões relacionadas aos filhos. Entretanto, o interesse inicial da mulher nem sempre reflete uma compreensão completa da necessidade do tratamento. No cenário contemporâneo, há um aumento do envolvimento dos homens na terapia, especialmente em busca de uma reestruturação das dinâmicas afetivas, conjugais e sexuais, ou para lidar com segredos e frustrações que emergem ao longo da relação. O trabalho com casais tende a ser mais proveitoso quando ambos os parceiros já possuem algum conhecimento prévio sobre o papel do psicoterapeuta, seja por meio de palestras, cursos ou recomendações de amigos que também passaram por processos terapêuticos.

A intervenção terapêutica inicial envolve a análise dos desafios enfrentados pelo casal, com o objetivo de compreender o contexto que os levou a buscar a terapia (Caetano et al., 2015). Essa análise permite ao psicoterapeuta obter uma visão abrangente das dinâmicas do relacionamento, incluindo aspectos como padrões de comunicação, limites interpessoais, interação com as famílias de origem, crenças e papéis atribuídos a cada parceiro. Para facilitar esse processo, Young-Eisendrath (1995, p. 115) sugere a observação de seis aspectos fundamentais durante o atendimento:

- O quanto o casal se sente confortável em conversar entre si durante a sessão e com que frequência busca o psicólogo para validação;
- O nível de conforto do casal ao se comunicar diretamente, observando a existência de contato visual, gestos de apoio mútuo e familiaridade;
- A busca por aprovação do terapeuta durante a sessão;
- O grau de motivação dos parceiros em modificar a situação atual do relacionamento;
- O nível de agressividade ou hostilidade expresso durante as interações;
- A capacidade do casal em traduzir o significado metafórico de suas questões para o sentido literal.

Esse método analítico ajuda o psicólogo a identificar sutilezas no comportamento e nas emoções do casal, captando aspectos que poderiam passar despercebidos em uma observação superficial.

A sessão inicial tem um caráter avaliativo, e técnicas específicas são utilizadas para entender tanto o estado emocional de cada parceiro quanto a dinâmica da relação. Young-Eisendrath (1995) sugere a aplicação de um questionário breve, preenchido individualmente por cada parceiro, com o objetivo de captar suas percepções e sentimentos. O questionário é composto por algumas perguntas, incluindo a medição do grau de dependência emocional de cada parceiro, a descrição do maior problema atual no relacionamento e as maiores satisfações vivenciadas na relação. O casal também é convidado a refletir sobre o que acredita ser a percepção do outro em relação ao relacionamento.

Com as respostas em mãos, o terapeuta pode pedir ao casal que verbalize algumas das questões, especialmente aquelas que causam mais ansiedade. O objetivo é avaliar os complexos emocionais envolvidos, bem como identificar as vulnerabilidades e competências de cada indivíduo. O questionário inicial serve como uma ferramenta para revelar os pressupostos e projeções de cada parceiro, além de fornecer informações sobre o contrato original do relacionamento e suas possíveis violações (Young-Eisendrath, 1995).

O início de um relacionamento é marcado por um contrato tácito, que permite aos cônjuges atenderem às suas necessidades individuais dentro da união. Geralmente, a monogamia sexual é o principal acordo estabelecido nesse contrato, mas existem subcontratos que, embora não explicitamente verbalizados, também regulam aspectos fundamentais da convivência, como quem inicia as relações sexuais, as liberdades sexuais de cada parceiro e quem assume a responsabilidade financeira. Esses contratos, embora implícitos, são essenciais para a manutenção da confiança e da estabilidade no relacionamento.

Após a sessão inicial, Young-Eisendrath (1995) sugere a estrutura de cinco sessões mensais de duas horas, seguida por uma sessão de acompanhamento. No contexto contemporâneo, marcado por mudanças rápidas e desafios relacionais mais complexos, tal modelo de atendimento proposto pode nem sempre favorecer a criação de um vínculo terapêutico sólido, principalmente

quando lidamos com questões urgentes, como traições, separações, parentalidade ou transições de vida, como a aposentadoria.

O mundo atual, com suas demandas intensas e estilos de vida acelerados, exige uma abordagem mais flexível. Sessões semanais podem ser fundamentais para casos mais delicados, permitindo que os casais lidem com suas questões de forma mais contínua e intensiva. Além disso, o formato online, que se tornou predominante em muitos contextos, facilita o acesso à terapia, especialmente para casais com rotinas atribuladas ou que estão geograficamente distantes. Da mesma forma, a duração das sessões pode variar de acordo com a complexidade do caso, e sessões mais curtas ou mais longas podem ser necessárias para ajustar o ritmo ao momento emocional dos parceiros.

Young-Eisendrath (1995) sugere a prática de tarefas de casa. Essa metodologia visa engajar o casal no processo terapêutico, com foco na manutenção do vínculo e no desenvolvimento de uma maior responsabilidade e cuidado mútuo com a relação. Uma das vantagens dessa abordagem é a possibilidade de prolongar o trabalho terapêutico para além das sessões, incentivando o casal a aplicar o que foi discutido em seu cotidiano. No entanto, uma possível desvantagem é que, dependendo do momento da relação, o casal pode sentir a prática como uma sobrecarga adicional, o que pode gerar frustração ou resistência.

Em casos de infidelidade, Young-Eisendrath (1995) sugere entrevistas individuais com cada parceiro, argumentando que, em certas situações, "entrevistar separadamente cada parceiro é a única forma de descobrir seus segredos" (p. 121). Essa estratégia busca minimizar a tensão e facilitar a expressão de conteúdos inconscientes. Outros especialistas, como Lebow e Snyder (2022), complementam essa abordagem ao sugerir sessões individuais durante o processo de terapia de casal para interromper padrões negativos persistentes e promover uma autorregulação emocional. Após esse trabalho individual, o casal pode ser reintegrado em sessões conjuntas, permitindo que o progresso individual seja incorporado à dinâmica do casal. No entanto, há uma crítica importante a esse método: o conhecimento de segredos por parte do terapeuta, antes de serem revelados ao outro cônjuge, pode comprometer o processo terapêutico, prejudicar a confiança entre os parceiros e até colocar o terapeuta em uma posição delicada, tornando-se foco de conflitos. Além disso,

o psicólogo pode se sentir exausto e confuso ao lidar com diferentes perspectivas sobre o mesmo evento — a visão individual de cada parceiro, a perspectiva do casal nas sessões conjuntas e, por fim, sua própria interpretação —, o que pode sobrecarregá-lo e dificultar a condução clara do processo.

Quanto à dinâmica das sessões, Young-Eisendrath (1995) recomenda que os primeiros dez a quinze minutos sejam dedicados ao "aquecimento", momento em que o casal é incentivado a discutir suas atividades cotidianas ou retomar questões da sessão anterior. Após essa introdução, a autora sugere um foco intensivo, durante quarenta minutos, nas emoções do casal, utilizando técnicas psicodramáticas para fortalecer a confiança mútua e explorar as tensões emocionais. Nos minutos finais, o casal deve ser incentivado a dar feedback sobre o aprendizado da sessão e compartilhar qualidades que perceberam no outro durante o encontro.

Embora essas diretrizes para uma boa abertura e encerramento sejam valiosas, elas podem não ser totalmente aplicáveis na prática contemporânea, principalmente devido ao crescimento significativo dos atendimentos remotos, impulsionados pela pandemia de COVID-19. O formato online, com maior ênfase na expressão verbal, tornou-se predominante, exigindo uma adaptação das técnicas tradicionais para o ambiente virtual.

Em relação aos honorários, Young-Eisendrath (1995) sugere que o valor seja acordado no início do tratamento e pago ao final de cada sessão. Atualmente, há diversas formas de pagamento que facilitam esse processo, como o uso de planos de saúde, plataformas de pagamento online, cartões de crédito, transferências bancárias e boletos, o que permite que o acordo financeiro seja estabelecido logo no primeiro contato, proporcionando maior flexibilidade para ambas as partes.

Pessoa (2017) e Young-Eisendrath (1995) apresentam duas das abordagens junguianas mais conhecidas para a terapia de casal. Ambas propõem métodos estruturados em etapas, embora essas não sejam as únicas formas de terapia junguiana de casal, mas se destacam por estarem registradas em escritos acadêmicos. Pessoa (2017) sugere três fases: exposição do conflito, elaboração simbólica e saída do impasse, onde o casal explora o significado simbólico dos conflitos e busca um novo equilíbrio. Na exposição do conflito, o foco é ampliar a compreensão do conflito, um símbolo disfuncional na dinâmica

conjugal, vivido na relação, analisando seu significado na dinâmica do casal. A elaboração simbólica do conflito constitui em auxiliar o casal a desenvolver a habilidade de dialogar consigo mesmo e com o parceiro, além de encaminhá-los às mudanças necessárias para superar o impasse vivenciado. A saída do impasse ocorre quando o casal tem maior distanciamento emocional e passa a se perceber como capaz de lidar com os desafios e as diferenças, visando alcançar um posicionamento comum.

Já Young-Eisendrath (1995) propõe quatro etapas: manejo do relacionamento terapêutico, reconstrução do significado, novo aprendizado e expansão do vocabulário, com foco em promover a reflexão e modificar percepções e fantasias dos parceiros. O manejo do relacionamento terapêutico é o estabelecimento do *rapport* entre o psicólogo e o casal, no qual o psicólogo demonstra autoridade e exerce certa pressão para provocar ansiedade no casal de forma empática e objetiva, unindo-se ao casal de maneira humanizada. A reconstrução do significado envolve ajudar o casal a modificar suas percepções, expectativas, projeções e fantasias sobre si mesmos e o parceiro, permitindo que se relacionem com o outro tal como ele é, distinguindo entre o que é pessoal e o que é arquetípico. O novo aprendizado, inerente a qualquer abordagem psicoterapêutica, pode ser trabalhado de duas formas: dever de casa, que seja congruente com o desejo de mudança em algum aspecto da vida do relacionamento do casal, e assistir filmes, vídeos em redes sociais e seriados indicados pelo psicólogo, como forma de ensinar novos modos de comunicação. Por último, a expansão do vocabulário para construção de significado, semelhante ao novo aprendizado, consiste em desenvolver um maior repertório verbal para que o casal possa interpretar suas próprias experiências, permitindo que todas as experiências tenham mais de um significado. Esses métodos propostos pelas autoras não seguem uma ordem linear, mas servem como guias para o trabalho clínico, ajudando o terapeuta a acompanhar o progresso do casal.

Na terapia junguiana de casal, a relação analítica constitui-se como um campo imaginário entre os cônjuges e o terapeuta, formando uma tríade que atua como um ponto de articulação entre as dimensões conscientes e inconscientes. Esse campo terapêutico possibilita a transformação dos cônjuges por meio do acesso aos complexos e às dimensões arquetípicas da psique de

cada um. O *mundus imaginalis* da relação analítica ilumina os conteúdos arquetípicos e os complexos tanto no nível do relacionamento interno – o diálogo de cada cônjuge consigo mesmo – quanto no nível externo, na interação interpessoal, frequentemente mediada por projeções.

A competência profissional do terapeuta está profundamente conectada à sua própria vulnerabilidade pessoal. Hycner (1995) explora essa questão por meio do conceito do "curador ferido", enfatizando que o terapeuta, embora também sujeito a feridas emocionais, pode atuar como agente de cura, desde que consiga manter o foco no paciente e evitar que suas próprias feridas dominem o processo terapêutico.

A abordagem junguiana busca revelar as realidades dos cônjuges sem privilegiar uma forma de expressão em detrimento de outra. O objetivo é ampliar a compreensão simbólica da situação e preencher os espaços vazios na comunicação, revelando nuances que podem não ser imediatamente evidentes. Para alcançar esse resultado, o terapeuta junguiano deve estar ciente de que suas interpretações são frequentemente influenciadas por sua própria história pessoal. Portanto, é crucial discernir entre o que é criativo e benéfico para o processo terapêutico e o que pode ser fruto de projeções pessoais, comprometendo a clareza da análise (Pessoa, 2017).

A formação contínua é um fator essencial para o desenvolvimento da competência do psicoterapeuta junguiano. Participar de seminários, grupos de estudo e explorar a literatura específica da área amplia o repertório teórico e prático do profissional, preparando-o para atender casais de maneira mais consciente. Além disso, o compromisso com sua própria psicoterapia ajuda o terapeuta a evitar transferências pessoais durante o atendimento, mantendo-se em processo contínuo de autoconhecimento e resolução de suas questões emocionais. Esse autoconhecimento não apenas eleva a qualidade das intervenções terapêuticas, mas também garante um trabalho ético e cuidadoso com os pacientes.

Outro aspecto fundamental no desenvolvimento profissional do psicólogo que trabalha com casais é a participação em supervisão ou intervisão. A supervisão envolve uma estrutura hierárquica, na qual um supervisor mais experiente orienta e apoia psicólogos menos experientes, oferecendo suporte técnico e direcionamento no manejo de casos clínicos. De acordo com Mello e

Damião Jr. (2018), a supervisão é um mecanismo de instrução que facilita a transmissão de conhecimento técnico, criando um espaço dedicado a "cuidar do ato de cuidar". Por outro lado, a intervisão é marcada pela horizontalidade e colaboração entre psicólogos de nível semelhante, que se reúnem para discutir casos clínicos, compartilhar experiências e construir soluções conjuntas para os desafios encontrados. Conforme Nejme et al. (2015), essa abordagem colaborativa promove uma prática reflexiva, enriquecendo o processo terapêutico por meio da troca de saberes.

Vivenciar a terapia de casal como paciente pode ser uma experiência extremamente enriquecedora para qualquer psicólogo que atua nessa área, pois proporciona uma compreensão mais profunda e empática das emoções, resistências e transformações pelas quais os casais passam durante o processo terapêutico. No entanto, é importante reconhecer que alguns psicólogos de casal podem estar solteiros ou viúvos, o que pode inviabilizar sua participação direta nesse tipo de experiência. Nesses casos, a ausência de uma vivência pessoal na terapia de casal não deve ser vista como um obstáculo absoluto para o atendimento desse público, desde que o profissional esteja devidamente preparado em termos teóricos e tenha acesso a outras formas de aprimoramento, como supervisão e intervisão.

Dentro desse contexto, a tarefa terapêutica consiste em ajudar os indivíduos a se compreenderem melhor, promovendo o autoconhecimento no casal, estabelecendo confiança mútua e organizando as percepções individuais de cada parceiro. Em termos junguianos, o objetivo é criar um "recipiente" equilibrado e flexível entre os cônjuges, permitindo que, por meio da união, ambos alcancem o pleno autoconhecimento. Dessa forma, a terapia auxilia na regulação das tensões entre os opostos, um processo essencial para o desenvolvimento da totalidade de cada parceiro (Lyons & Mattinson, 2005).

6. Resultados e Discussão

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da investigação de materiais e da organização de grupos temáticos com o conteúdo coletado. A discussão será realizada ao longo da apresentação.

6.1 Descrição dos materiais

Com a realização do levantamento do material, foram selecionados um artigo acadêmico, duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado para a análise de forma a possibilitar o aprofundamento das bases teórico-práticas da terapia de casal junguiana. Para a seleção dos materiais, foram incluídos trabalhos clínicos realizados especificamente com casais, por possuírem um caráter seminal, inspirador, favorável ao estímulo de novas criações.

Dessa maneira, foram priorizados estudos que abordam diretamente a psicologia junguiana aplicada na terapia de casal, visando uma análise mais direcionada dos elementos fundamentais dessa abordagem terapêutica.

A seguir, o quadro com a descrição dos materiais selecionados incluindo título, autor, tipo de publicação, ano, método de pesquisa, objetivo, quantidade de casais participantes e principais resultados.

Quadro 2 - Pesquisas relacionadas à Terapia de casal junguiana

Título	Autor	Tipo de publicação	Ano	Método de pesquisa	Objetivo	Quant. de casais do estudo	Resultado
Elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal - um enfoque junguiano	Pessoa, Maria Silvia Costa.	Tese	2011	Pesquisa Qualitativa de Estudo de caso	Propor um método de trabalho com os sonhos na terapia de casal.	2 casais hétero	Pode ser possível o delineamento de um método de trabalho com os sonhos no contexto da psicoterapia de casal, método este sistematizado em três fases: sonho do casal, apreciação e reflexão.
Infertilidade na relação conjugal: Uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com Sandplay	Albert, Susan Carol.	Dissertação	2008	Pesquisa Qualitativa de Estudo de caso	Compreender os conflitos que surgem com casais que receberam o diagnóstico de infertilidade.	2 casais hétero	A terapia breve de casal com <i>Sandplay</i> oferece uma possibilidade de desenvolvimento de um diálogo mais consciente entre os cônjuges.
O Jogo de Areia em terapia conjugal	De Carvalho, Liliane A.P.P.; Sant'Anna, Paulo Afrânio.	Artigo	2000	Pesquisa Qualitativa de Estudo de caso	Verificar se o jogo de areia em terapia conjugal viabiliza uma interação não-verbal entre o casal.	1 casal hétero	O Jogo de Areia pode contribuir para a terapia conjugal, pois promove novas percepções sobre a dinâmica do casal.
Terapia de casais: uma visão simbólico-arquetípica da conjugalidade	Vargas, Nairo de Souza.	Tese	1995	Pesquisa Qualitativa de Estudo de caso	Estudar os vínculos de casal através da psicoterapia.	14 casais hétero	A função do terapeuta de casal é variada e complexa, sendo específica para cada casal e as oposições tipológicas estão sistematicamente presentes e são a regra.
Importância dos tipos psicológicos na terapia de casais	Vargas, Nairo de Souza.	Dissertação	1981	Pesquisa Qualitativa de Estudo de caso	Aplicação da tipologia psicológica na terapia de casais.	2 casais hétero	A tipologia psicológica de Jung é útil no trabalho com casais, facilitando o trabalho com um marido e sua esposa, o que pode levar a uma maior compreensão e tolerância mútua.

Fonte: O autor (2024).

Todos os materiais coletados convergem para a premissa de compreender os conflitos conjugais. As pesquisas são qualitativas e têm como método o estudo de caso, sendo que os trabalhos realizados com os casais foram conduzidos por meio de psicoterapias breves, com uma média de 6 a 15 sessões. A exceção é a tese de Vargas (1995), que envolveu a aplicação de mais sessões com alguns casais.

Todas as pesquisas incluíram entrevistas iniciais semiestruturadas, as quais tinham como objetivo apresentar a natureza da pesquisa e esclarecer os objetivos do estudo para cada casal.

Os participantes de todos os estudos eram casais heterossexuais, com grau de escolaridade variando entre o ensino médio e o ensino superior. Todos os casais selecionados estavam em uma união consensual (que não exige cerimônia de casamento ou formalização jurídica) há mais de um ano. A faixa etária média dos casais variava entre 20 e 60 anos.

Não foi realizada uma descrição ampla e profunda das personalidades, dinâmicas e características dos casais em psicoterapia. As divergências entre os estudos ocorreram principalmente em relação à ferramenta utilizada, os objetivos e os resultados obtidos.

6.2 Grupos temáticos

Para organizar os materiais selecionados, realizou-se uma leitura inicial dos títulos e resumos, seguida de uma leitura integral de cada estudo. Esse processo possibilitou a identificação de temas centrais que fundamentam o entendimento sobre a terapia de casal junguiana. Os grupos temáticos foram formados com base em padrões identificados ao longo da análise, e a categorização final foi estruturada de acordo com os temas mais alinhados aos objetivos da pesquisa.

A partir disso, formaram-se grupos, apresentados a seguir:

Quadro 3 - Grupos temáticos	
Grupos temáticos	Temas
Conflitos conjugais	Parentalidade Desejo da parentalidade Casos extraconjugais Problema de comunicação
Psicologia Analítica na prática	Tipos psicológicos Projeção da Sombra Projeção da Anima/us Persona
Individuação do casal	Processo de individuação

Fonte: O autor (2024).

A construção desses grupos temáticos baseou-se na segunda antinomia descrita por Jung (1935/2013a), adotada como critério para considerar uma afirmação como psicológica. A segunda antinomia, “o individual não importa perante o genérico, e o genérico não importa perante o individual” (Jung, 1935/2013a, §1), ilustra a interdependência entre o individual e o coletivo.

Na psicoterapia de casal junguiana, essa antinomia é particularmente relevante, pois cada parceiro traz sua individualidade, com características únicas e experiências pessoais, mas também carrega conteúdos coletivos, culturais e familiares que influenciam o relacionamento. A interação entre o individual e o coletivo dentro da conjugalidade exige que o terapeuta junguiano considere tanto as especificidades de cada indivíduo quanto os padrões e arquétipos compartilhados que permeiam a relação.

Os temas selecionados foram aqueles que possibilitam responder aos objetivos do estudo, ao mesmo tempo em que emergiram fenômenos adicionais que oferecem novos ângulos de análise. Vale ressaltar que os temas identificados são flexíveis, permitindo desdobramentos e interpretações distintas conforme a perspectiva do pesquisador. A análise temática empregada visa sintetizar padrões de significado recorrentes nos materiais, organizando-os com base em suas equivalências e diferenças, sem priorizar um material específico.

6.2.1 Conflitos conjugais

Todos os casais participantes das pesquisas vivenciavam algum tipo de conflito conjugal, um aspecto central e recorrente nas relações analisadas. Um dado significativo observado nos estudos foi que, em todos os casos, as mulheres da relação foram as responsáveis por procurar e fazer o primeiro contato com o terapeuta de casal. Esse fenômeno já havia sido descrito por

Young-Eisendrath (1995), que destaca a predisposição feminina em buscar apoio terapêutico em momentos de crise conjugal.

Outro ponto de convergência entre os casais analisados nos estudos é o tempo de convivência: todos os casais participantes estavam juntos há pelo menos dois anos. Esse tempo de convivência é relevante, pois, segundo Albert (2008), após um período de relação, as projeções iniciais tendem a ser retiradas, e as ilusões e expectativas idealizadas no início do relacionamento começam a dar lugar a uma percepção mais realista do parceiro. Esse processo é natural nas relações e possibilita que os sentimentos de paixão e encantamento iniciais sejam transformados em um vínculo profunda, mas também é um momento em que conflitos podem emergir como observado por Scarf (1991).

Para compreender os conflitos enfrentados pelos casais, os pesquisadores utilizaram a entrevista inicial como uma oportunidade para identificar o problema explícito e reconhecido por ambos os parceiros, como dificuldades de comunicação ou desentendimentos em geral e as questões mais profundas e inconscientes, muitas vezes relacionadas a experiências passadas, expectativas ou projeções.

6.2.1.1 Parentalidade

Em casais com filhos, a parentalidade surge como a principal queixa, predominando sobre as questões de conjugalidade. Em dois estudos analisados (Vargas, 1981; 1995), as dificuldades parentais tornaram-se o ponto central dos conflitos relatados, superando a própria relação conjugal como motivação para a busca de terapia.

Young-Eisendrath (1995) observa que, em muitos casais heterossexuais, a busca pela terapia de casal está, sobretudo, ligada às dificuldades relacionadas aos filhos. Essas dificuldades podem variar conforme a idade das crianças e a dinâmica familiar, englobando problemas de relacionamento com filhos pequenos ou adolescentes, ou desafios no convívio com enteados.

Um aspecto comum entre esses casais é o desejo de desempenhar o papel de "bom pai" ou "boa mãe," ou, no caso de famílias reconstituídas, de serem validados pelos filhos do cônjuge. Essa situação pode gerar problemas quando um ou ambos os parceiros adotam uma persona rígida de parentalidade, o que impede a flexibilidade e afeta a conjugalidade do relacionamento entre eles. Como observa Vargas (2004), a adoção de papéis rígidos paralisa o

desenvolvimento individual e a capacidade de cada parceiro de manter uma identidade própria dentro do relacionamento.

6.2.1.2 Desejo da parentalidade

Nos trabalhos que utilizaram a técnica do *Sandplay* para explorar as dinâmicas inconscientes dos casais (De Carvalho & Sant'Anna, 2000; Albert, 2008), observou-se que os casais expressaram o desejo de ter filhos, acreditando que a relação a dois não estaria completa sem a presença de um terceiro elemento.

Na pesquisa de Albert (2008), um dos casais trouxe à tona um conflito relacionado a uma relação quase “fusional” de um dos cônjuges com a mãe, o que influenciava intensamente os comportamentos, desejos e planos do casal em relação à parentalidade. Nesse caso, o desejo de ter filhos era profundamente impactado pela dinâmica familiar do cônjuge, em que a pressão dos familiares, especialmente a figura materna, interferia diretamente nos projetos do casal. Como observa Sharp (1992), viver de maneira inconsciente os sonhos e as expectativas dos pais impedem que o casal desenvolva uma identidade consciente.

Entretanto, um dos casais da pesquisa de Albert (2008) desistiu da ideia de ter filhos, por não se sentirem aptos para tal responsabilidade, enquanto os outros dois mantiveram as expectativas vivas, revelando a complexidade do desejo de parentalidade. Na terapia de casal junguiana, esse desejo pode ser compreendido não apenas como uma questão de desejo consciente, mas também como uma manifestação de conflitos inconscientes.

6.2.1.3 Casos extraconjugais

Outro ponto de destaque nos estudos foi a questão dos casos extraconjugais, que se apresentaram como uma das principais queixas trazidas por casais em terapia. Nos estudos analisados (Vargas, 1995; Pessoa, 2011), a infidelidade foi identificada como um fator de conflito e motivo para que o casal buscasse a terapia de casal. Em ambos os casos, foi a mulher, pessoa traída, quem procurou a terapia.

Esses casos extraconjugais foram abordados na terapia a partir de duas estratégias principais: a interpretação de sonhos (Pessoa, 2011) e a análise simbólica da tipologia psicológica (Vargas, 1995).

Em um dos casos, o desfecho da terapia foi a separação (Vargas, 1995), pois o casal concluiu que a permanência na relação traria mais dor e sofrimento do que amadurecimento emocional e crescimento pessoal. Para esse casal, o término foi compreendido como uma forma de libertação, corroborando com o processo de individuação de ambos.

Como observa Carotenuto (1997), a experiência de traição é frequentemente vivida como uma profunda injustiça, desencadeando no cônjuge traído uma sensação paradoxal de culpa e a tentativa de entender se ele "mereceu" ou de alguma forma contribuiu para a situação.

6.2.1.4 Problemas de comunicação

Em todos os casais analisados, sem exceção, a dificuldade de comunicação se mostrou uma queixa central, variando apenas em intensidade entre os participantes. Nos relatos dos estudos, observou-se que o diálogo era um desafio recorrente, dificultando o entendimento mútuo.

Os relatos indicaram que, em determinadas sessões de *Sandplay* (De Carvalho & Sant'anna, 2000; Albert, 2008), os cônjuges tendiam a construir os cenários de forma mais individualizada, evitando a colaboração entre si. No trabalho com sonhos (Pessoa, 2011), houve muitos momentos de dificuldade de comunicação verbal, o que dificultava a expressão de sentimentos e necessidades dos parceiros. Nos estudos sobre tipos psicológicos (Vargas, 1981; 1995), os problemas de comunicação também eram evidentes, revelando um distanciamento emocional e uma dificuldade de diálogo que prejudicavam a relação.

Na terapia de casal junguiana, o diálogo é considerado uma via essencial para a transformação dos conflitos e o crescimento do casal. Ulanov (1996) descreve o diálogo mútuo e a escuta ativa como um "vaso alquímico" que possibilita a transformação das tensões e disputas em um processo de crescimento conjunto.

6.2.2 Psicologia Analítica na Prática Clínica

Um ponto fundamental deste projeto é compreender os principais conceitos junguianos aplicáveis ao *setting* da terapia de casal. Para isso, foram destacados os conceitos teóricos centrais da psicologia junguiana utilizados nos estudos para a análise de casais em contexto terapêutico: tipos psicológicos, projeção da sombra, projeção de *animal/animus* e *persona*.

6.2.2.1 Tipos psicológicos

Os estudos de Vargas (1981; 1995) se fundamentaram no conceito junguiano de tipos psicológicos para analisar as dinâmicas conjugais. Esse conceito auxilia na compreensão de como as diferenças psicológicas entre os parceiros atuam tanto como fonte de conflito quanto como base para o crescimento mútuo.

Segundo Jung (1925/2015g, §963), o tipo psicológico representa um “aspecto unilateral do desenvolvimento”, no qual cada membro da relação tende a favorecer certos aspectos de sua personalidade enquanto negligencia outros. Esse desenvolvimento unilateral leva uma pessoa a se concentrar em suas funções dominantes — como a extroversão ou a introversão, por exemplo — em detrimento das funções menos desenvolvidas, que são relegadas ao inconsciente.

Na dissertação de Vargas (1981), essa dinâmica foi evidenciada em estudos com casais formados por “tipos opostos”. Essa complementaridade permite que os conteúdos inconscientes se manifestem no comportamento de cada cônjuge. Assim, o relacionamento conjugal atua como um campo de compensação psicológica, no qual cada parceiro ajuda o outro a explorar e integrar aspectos de si mesmo.

Na tese de Vargas (1995), o autor aprofunda essa ideia ao analisar o papel da função inferior na dinâmica conjugal. Jung (1925/2015g) descreve a função inferior como aquela que opera em oposição ao Eu, contendo características que o indivíduo muitas vezes desconhece ou evita.

6.2.2.2 Projeção da Sombra

Na tese de Vargas (1995), observou-se que alguns casais apresentavam projeções da Sombra entre si, o que frequentemente gerava tensões intensas e dificultava a comunicação durante as sessões de terapia. A Sombra, que representa aspectos reprimidos e indesejáveis da personalidade, era projetada no parceiro, fazendo com que os cônjuges vissem no outro aquilo que evitavam reconhecer em si mesmos. Segundo Jung, “a Sombra [...], é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização” (JUNG, 1935/2016, §44).

As queixas dos cônjuges incluíam agressões, dependência do álcool e até a bulimia da filha de um dos casais, problemas que eram amplamente vistos pelos parceiros como falhas ou defeitos exclusivos do outro. Essa tendência de responsabilizar o parceiro, enquanto se exime de culpa, é uma característica comum da projeção da Sombra: ao não reconhecer os próprios traços negativos, o indivíduo os "vê" no outro, dificultando a autorreflexão e a resolução dos conflitos.

Conforme Whitmont (1991) afirma, a Sombra é reprimida para que o "Eu ideal" – a imagem de como gostaríamos de ser vistos – possa emergir. Esse mecanismo defensivo pode se intensificar em relações íntimas, nas quais o cônjuge se torna o alvo preferencial das projeções sombrias, exacerbando as dinâmicas de hostilidade e ressentimento.

6.2.2.3 Projeção da *Animal/Animus*

Os estudos analisados (Vargas, 1995; Pessoa, 2011; Albert, 2008) identificaram características de projeção da Anima/Animus nas relações conjugais, nas quais os parceiros projetam no outro aspectos idealizados de figuras femininas e masculinas, frequentemente originárias de gerações passadas, de relacionamentos anteriores ou até de fantasias inconscientes, como a fantasia edípica. Segundo Vargas (2004), essa projeção representa uma fusão simbólica entre o indivíduo e o objeto de sua paixão, na qual os parceiros veem no cônjuge uma representação de qualidades e atributos que eles mesmos buscam ou admiram, mas que estão desconectados da realidade do parceiro como um ser separado e autônomo.

Essa dinâmica de projeção resultou, em muitos casos, numa relação assimétrica entre os parceiros, em que um cônjuge se torna uma 'joia rara' – uma personificação da Anima ou do Animus – que o outro teme perder. A idealização impede que os parceiros exponham plenamente seus problemas ou vulnerabilidades, por medo de comprometer a imagem projetada ou de serem abandonados.

Benedito (1996) destaca que essas projeções exercem uma influência significativa sobre aqueles que as recebem, podendo até controlar ou ditar comportamentos e atitudes. A pessoa que se torna o objeto da projeção, muitas vezes inconscientemente, passa a agir conforme as expectativas idealizadas do

parceiro, o que limita sua expressão autêntica e alimenta uma dinâmica relacional pautada na dependência emocional.

6.2.2.4 *Persona*

Os estudos de Vargas (1995) e Albert (2008) identificaram nos casais uma *Persona* cristalizada, ou seja, uma identificação rígida com papéis idealizados, como "bom marido" e "boa esposa". Esse fenômeno foi especialmente visível entre casais que procuraram a terapia de casal após enfrentarem crises que revelaram a dissonância entre a *persona* apresentada e as reais necessidades e conflitos individuais. A busca pela terapia ocorreu apenas após a descoberta de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) adquiridas em relações extraconjugais (Vargas, 1995) ou o desejo quase exclusivo de um dos cônjuges de conceber um filho, o que levava o casal a confrontar expectativas divergentes sobre a relação (Albert, 2008).

Jung descreve a *Persona* como um "compromisso entre o indivíduo e a sociedade", existente por razões de adaptação social ou conveniência pessoal (1928/2014c, §305). Na prática, desempenhar papéis sociais de maneira tão rígida e performática, sem uma autêntica conexão com as emoções e desejos internos, pode enfraquecer os acordos relacionais e gerar uma frustração crescente dentro da relação. A *Persona* permite ao indivíduo se apresentar ao mundo de forma que atenda às expectativas externas, mas essa identificação excessiva com o papel social, como o de "marido fiel" ou "mãe ideal", cria tensões e um estado de insatisfação latente.

As pesquisas mostraram que, para esses casais, a identificação com a *Persona* idealizada se tornou um obstáculo para o autoconhecimento e a comunicação autêntica dentro da relação. Esse conflito se manifestou por meio de mentiras, desentendimentos e projeções, nas quais a manutenção da *Persona* impedia o casal de expor vulnerabilidades, desejos ou frustrações.

6.2.3 *Individuação do casal*

Todas as obras analisadas entendem que o processo de individuação é a meta comum para os casais. Todos os estudos reconhecem que a individuação conjugal é algo necessário. Trata-se do objetivo a ser alcançado por todos os casais, e a terapia de casal se mostra um meio propício para promover esse desenvolvimento psicológico do casal.

6.2.3.1 Processo de individuação

O processo de individuação no relacionamento conjugal ocorre devido à sua abrangência. Em outras palavras, à medida que cada parceiro for capaz de integrar à relação aspectos significativos de sua subjetividade, sua história de vida pessoal e a história de seus entes familiares, o encontro dialético poderá se constituir em um desenvolvimento psicológico altamente significativo para ambos. Essa é a base para o crescimento pessoal de cada indivíduo, permitindo que ambos alcancem uma diferenciação satisfatória dentro do relacionamento.

Por isso, o relacionamento amoroso deve favorecer o desenvolvimento conjugal, e não o oposto, embora isso, infelizmente, possa ocorrer. Muitos casais nos trabalhos analisados apresentaram justamente o contrário: a falta de crescimento pessoal de um dos parceiros ou de ambos. Guggenbühl-Craig (1991) afirma que a relação conjugal é um espaço destinado ao bem-estar e à felicidade, mas que também envolve insatisfações, frustrações e momentos de conflito que geram emoções dolorosas e negativas. Por essa razão, esse ambiente se torna propício para um processo que se contrapõe aos impulsos instintivos de satisfação egóica, favorecendo, assim, a vivência da experiência de crescimento pessoal mais do que a busca por prazer imediato.

A individuação é "o 'tornar-se um' consigo mesmo e, ao mesmo tempo, com a humanidade inteira, da qual também fazemos parte" (Jung, 1945/2013e, §227). O processo de individuação pode ser entendido como o desenvolvimento do indivíduo para tornar-se aquilo que deve ser – um ser singular – ao mesmo tempo em que mantém uma relação com os outros e com o mundo. Trata-se de um processo que integra o individual e o coletivo, tornando a relação conjugal um lugar privilegiado para esse desenvolvimento. Portanto, tal problemática representa também um convite à aventura a ser desbravada no relacionamento, o que leva os casais a procurarem a psicoterapia de casal junguiana.

Esses conflitos funcionam como um caldeirão alquímico para a individuação conjugal. Não se tratam de tensões que beiram o caos, nem de um processo moroso. Trata-se de um processo que carrega consigo importantes oposições para a vivência conjugal, pois, sem elas, não seria possível proporcionar a individuação de cada parceiro, conforme Jung (2013f/1946) afirma:

O processo de individuação tem dois aspectos fundamentais: por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro, tão indispensável quanto o primeiro. Um não pode existir sem o outro, muito embora seja ora um, ora o outro desses aspectos que prevaleça (§448).

O relacionamento conjugal é um espaço de vivência de oposições e semelhanças de modo dialético e criativo entre os cônjuges. Esse equilíbrio dinâmico é fundamental para o processo de individuação, que ocorre de forma contínua, pois visa o *individuum* psicológico – a totalidade psicológica do ser.

O processo de individuação do casal resulta dessa interação entre o consciente e o inconsciente de ambos os parceiros, sem que um reprima, negligencie, suprima ou possua o outro. Dessa forma, as peculiaridades individuais são mobilizadas para o desempenho conjunto, conforme aponta Vargas (1981).

7. Considerações finais

A psicoterapia de casal junguiana é uma prática complexa que exige uma exploração profunda das histórias individuais e compartilhadas dos parceiros. Ao longo desta dissertação, investigou-se como a abordagem junguiana tem contribuído para essa prática, apesar da notável escassez de estudos voltados às questões contemporâneas das relações conjugais.

Os conceitos junguianos se mostram valiosos para a terapia de casal, especialmente no que diz respeito às projeções da sombra e à persona. No entanto, foi constatada uma limitação na adaptação de certos arquétipos ao contexto atual, corroborando com o argumento de Ettin (1995). O processo de individuação dentro das relações modernas ultrapassa os modelos heteronormativos tradicionais, como o foco exclusivo no casamento como caminho de desenvolvimento. A visão clássica de *anima/animus* precisa ser revista, pois, muitas vezes, a separação — e não a continuidade da relação — pode promover uma integração mais profunda dos conteúdos inconscientes.

Jung (1934/2013k, §350) ressalta que, embora a técnica seja essencial, o mais importante é o ser humano por trás dela, pois cabe a ele tomar decisões que, para o paciente, são tão vitais quanto a técnica em si. O psicoterapeuta deve, portanto, comprometer-se com seu próprio autoconhecimento e uma crítica constante de suas convicções pessoais, assim como um cirurgião se compromete com a assepsia. O terapeuta não deve desaparecer por trás de uma técnica, mas se tornar uma pessoa consciente de sua "equação pessoal", de modo a evitar que suas próprias crenças interfiram no processo terapêutico.

Além disso, o relacionamento conjugal é descrito como o "doce calvário", onde cada cônjuge encontra seus anjos e demônios internos. Esse contexto, repleto de polaridades, demanda sensibilidade por parte do terapeuta, que deve estar preparado para lidar com as projeções e complexos emergentes durante as sessões. A terapia de casal, portanto, opera em múltiplos níveis: as queixas individuais de cada parceiro e a dinâmica do relacionamento como um todo, o que torna essencial uma compreensão equilibrada dos processos interp-síquicos e intrapsíquicos.

Esta pesquisa destaca, portanto, que a terapia de casal junguiana oferece um vasto repertório para a compreensão dos indivíduos dentro de uma relação.

Novas pesquisas que contemplem a diversidade dos arranjos conjugais, incluindo casais homoafetivos, trans, relações abertas e diferentes configurações familiares, como filhos de uniões passadas ou adotivos, também seriam valiosas. Além disso, investigações sobre a prática de terapeutas de diferentes formações e abordagens contribuiriam para ampliar o entendimento das semelhanças e diferenças entre a prática junguiana e outras abordagens, esclarecendo como cada perspectiva pode influenciar o atendimento clínico.

Nesse sentido, recomenda-se o desenvolvimento de estudos futuros que ampliem os conceitos já aplicados, com o objetivo de aprimorar o atendimento clínico a casais. A expansão do conhecimento sobre esse tema é um *continuum* eterno.

Referências

Albert, Susan Carol. Sandplay therapy with couples within the framework of analytical psychology. **Journal of analytical psychology**, v. 60, n. 1, p. 32-53, 2015a. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12128>

Albert, Susan Carol. A conjugalidade na psicologia analítica. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (Org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática**. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015b. p. 28-35.

Albert, Susan Carol. Infertilidade na relação conjugal: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com Sandplay. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2008. 190p. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15729/1/Susan%20Carol%20Albert.pdf>

Alves-Mazzotti, Alda Judith. A “revisão de literatura” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: Bianchetti, Lucídio; Machado, Ana Maria Netto. (org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez. 2012. p. 41-59.

Bauman, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Edição digital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Becker, Ellen. Ellen Becker on Typology: Reflections on Working with Couples and the Influence of Typology. **Jung Journal**, v. 10, n. 3, p. 70-72, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19342039.2016.1191113>

Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021.

Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. A Abordagem Junguiana e a Terapia de Casal em Direção à Individuação Conjugal. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021a. p. 17-38.

Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus. 2015.

Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. Abordagem simbólica do conflito conjugal: o corpo em cena. In: Vitale, Maria Amalia Faller (org.). **Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora. 2004. p. 83-100.

Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. **Amor conjugal e terapia de casal**. São Paulo: Summus, 1996.

Boechat, Paula. **Terapia familiar: mitos, símbolos e arquétipos**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

Caetano, Aurea Afonso M.; Robles, Deusa Rita Tardelli; Pessoa, Maria Silvia C.; Fontana, Olga Maria. A psicologia analítica e a terapia familiar. In: Benedito, Vanda Lucia Di Yorio (org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: Teoria e prática**. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015. p. 36-44.

Caillé, Philippe. **Um e um são três**. São Paulo: Summus, 1991.

Carotenuto, Aldo. **Amar trair: quase uma apologia da traição**. São Paulo: Paulus, 1997.

Castiel, Andrea. O Impacto da Tecnologia no Contexto do Casal e da Família. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021. p. 125-142.

De Boer, Kathleen; Muir, Samuel D.; Silva, S. Sandun M.; Nedeljkovic, Maja; Seabrook, Elizabeth; Thomas, Neil; Meyer, Denny. Videoconferencing psychotherapy for couples and families: A systematic review. **Journal of Marital and Family Therapy**, v. 47, n. 2, p. 259-288, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jmft.12518>.

De Carvalho, Liliane A.P.P.; Sant'anna, Paulo Afrânio. O jogo de areia em terapia conjugal: uma proposta de intervenção. **Bol. iniciaç. cient. psicol.**, p.53-64, 2000. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigo6.pdf>

Estephano, Liriam Jeanette. Sexo na Conjugalidade: Renascimento e Transformação no Século 21. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021. p. 57-73.

Ettinger, Mark F. The spirit of Jungian group psychotherapy: From taboo to totem. **International journal of group psychotherapy**, v. 45, n. 4, p. 449-470, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00207284.1995.11491297>

Farias, Betânia. Reflexões para uma Clínica Junguiana na Perinatalidade e na Parentalidade. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021. p. 144-162.

Féres-Carneiro, Terezinha; Diniz Neto, Orestes. Psicoterapia de casal: modelos e perspectivas. **Aletheia**, n. 27, p. 173-187, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Fillus, Michel Alexandre. Anima e animus na contemporaneidade. **Junguiana**, p. 39-46, 2012.

Fontana, Olga Maria. Corpo e Toque na Terapia Individual e de Casal: Psicologia Analítica e o Trabalho de Pethö Sándor. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021. p. 107-124.

Garcia, Adriana Lopes. Casais Homoafetivos: Afinando a Escuta. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (org.). **Desafios à terapia de casal e de família: Olhares junguianos na clínica contemporânea**. Edição do Kindle. São Paulo: Summus, 2021. p. 74-90.

Garcia, Adriana; Agostinho, Irany de Barros; Araujo, Isabel Cristina Ramos de; Almeida, Maria Beatriz Vidigal B.; Miranda, Maria da Glória Gonçalves de; Tagliari, Marli. Articulação teórica e prática entre a psicologia analítica e a psicoterapia de casal: um caso clínico. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (Org.). **Terapia de casal e**

de família na clínica junguiana: teoria e prática. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015. p. 95-120.

Germano, Jhonathan Moreira; Do Amaral Vaz, Raphael. O casamento homossexual como motivador da individuação. **Revista Esfera Acadêmica Humanas**, v. 3, n. 2, p. 18, 2019. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/revista-esfera-humanas-v03-n02-artigo02.pdf>

Giddens, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora Unesp, 1993.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 1991. Disponível em: https://sgcd.fc.unesp.br/Home/helber-freitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-anto.pdf

Gomes, Isabel Cristina; Levy, Lidia. Psicanálise de família e casal: principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. **Aletheia**, n. 29, p. 151-160, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115012533013>

Guggenbühl-Craig, Adolf. **O casamento está morto. Viva o casamento!** Rio de Janeiro: Símbolo, 1991.

Gurman, Alan S.; Fraenkel, Peter. The history of couple therapy: A millennial review. **Family process**, v. 41, n. 2, p. 199-260, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.41204.x>

Hewison, David. 'Oh Rose, thou art sick!' Anti-individuation forces in the film American Beauty. **Journal of Analytical Psychology**, v. 48, n. 5, p. 683-704, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00428>

Hillman, James. **Anima: Anatomia de uma noção personificada.** São Paulo: Cultrix, 1985.

Hillman, James. **O mito da análise: Três ensaios de psicologia arquetípica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Hycner, Richard. **De pessoa a pessoa: Psicoterapia dialógica.** São Paulo: Summus, 1995.

Jacobi, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung.** Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2016.

Jaffé, Aniela. **O mito do significado na obra de C. G. Jung.** São Paulo: Cultrix, 1989.

Jung, Carl Gustav. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** OC 9/1. Petrópolis: Vozes, 2016. (Original publicado em 1935).

Jung, Carl Gustav. Definições. In: **Tipos Psicológicos.** OC. 6. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015a. (Original publicado em 1921).

Jung, Carl Gustav. Síziã: alma e animus. In: **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.** OC. 9/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015b. (Original publicado em 1951).

Jung, Carl Gustav. Fundamentos da Psicologia Analítica (*Tavistock Lectures*). In: **A vida simbólica: escritos diversos**. OC. 18/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015c. (Original publicado em 1935).

Jung, Carl Gustav. O problema dos tipos na filosofia moderna. In: **Tipos Psicológicos**. OC. 6. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015d. (Original publicado em 1921).

Jung, Carl Gustav. O problema dos tipos na história do pensamento antigo e medieval. In: **Tipos Psicológicos**. OC. 6. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015e. (Original publicado em 1921).

Jung, Carl Gustav. Descrição geral dos tipos. In: **Tipos Psicológicos**. OC. 6. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015f. (Original publicado em 1921).

Jung, Carl Gustav. Tipos Psicológicos. In: **Tipos Psicológicos**. OC. 6. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015g. (Original publicado em 1925).

Jung, Carl Gustav. O casamento como relacionamento psíquico. In: **O desenvolvimento da personalidade**. OC. 17. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014a. (Original publicado em 1931).

Jung, Carl Gustav. Apêndice: A estrutura do inconsciente. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014b. (Original publicado em 1916).

Jung, Carl Gustav. Anima e animus. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014c. (Original publicado em 1928).

Jung, Carl Gustav. A função do inconsciente. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014d. (Original publicado em 1928).

Jung, Carl Gustav. A técnica de diferenciação entre o eu e as figuras do inconsciente. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014e. (Original publicado em 1928).

Jung, Carl Gustav. Tentativa de apresentação da Teoria Psicanalítica. In: **Freud e a psicanálise**. OC. 4. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014f. (Original publicado em 1913).

Jung, Carl Gustav. Questões atuais da psicoterapia. Correspondência entre C.G. Jung e R. Loÿ. In: **Freud e a psicanálise**. OC. 4. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014g. (Original publicado em 1914).

Jung, Carl Gustav. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: **A natureza da psique**. OC. 8/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014h. (Original publicado em 1934).

Jung, Carl Gustav. Medicina e psicoterapia. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1945).

Jung, Carl Gustav. Princípios básicos da prática da psicoterapia. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Original publicado em 1935).

Jung, Carl Gustav. Os problemas da psicoterapia moderna. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Original publicado em 1929).

- Jung, Carl Gustav. Os arquétipos do inconsciente coletivo. In: **Psicologia do inconsciente**. OC. 7/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013c. (Original publicado em 1934).
- Jung, Carl Gustav. Os objetivos da psicoterapia. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013d. (Original publicado em 1929).
- Jung, Carl Gustav. Psicoterapia e atualidade. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013e. (Original publicado em 1945).
- Jung, Carl Gustav. A psicologia da transferência. In: **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. OC. 16/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013f. (Original publicado em 1946).
- Jung, Carl Gustav. O que é psicoterapia?. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013g. (Original publicado em 1935).
- Jung, Carl Gustav. Alguns aspectos da psicoterapia moderna. In: **A prática da psicoterapia**. OC. 16/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013h. (Original publicado em 1929).
- Jung, Carl Gustav. O valor terapêutico da ab-reação. In: **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. OC. 16/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013i. (Original publicado em 1928).
- Jung, Carl Gustav. O problema dos tipos de atitude. In: **Psicologia do inconsciente**. OC. 7/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013j. (Original publicado em 1912).
- Jung, Carl Gustav. A situação atual da psicoterapia. In: **Civilização em transição**. OC. 10/3. Petrópolis: Vozes, 2013k. (Original publicado em 1934).
- Jung, Carl Gustav. A constelação familiar. In: **Estudos experimentais**. OC 2. Petrópolis: Vozes, 1995. (Original publicado em 1909).
- Karnal, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão**. Edição digital. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- Lebow, Jay; Snyder, Douglas K. Couple therapy in the 2020s: Current status and emerging developments. **Family process**, v. 61, n. 4, p. 1359-1385, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12824>
- Lyons, Alison; Mattinson, Janet. Individuation in marriage. In: Ruzsaczynski, Stanley (ed.). **Psychotherapy with Couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies**. Edição digital. Londres: Karnac Books, 2005. p. 104-125.
- Mello, Elizabeth Christina Cotta; Damião Jr, Maddi. Reflexões sobre a prática da supervisão na formação profissional: uma perspectiva junguiana. **Junguiana**, v. 36, n. 1, p. 19-26, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-08252018000100005&script=sci_arttext
- Mozzato, Anelise Rebelato; Grzybovski, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v.15, p.731-747, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?lang=pt>
- Nejme, Cláudia; Estephano, Liriam J.; Fontana, Olga Maria. Entrevista – Uma experiência em grupo utilizando miniaturas. In: Benedito, Vanda Lúcia Di Yorio. (Org.).

Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015. p.192-204.

Nell, Renée. **The use of dreams in couple counseling: a Jungian Perspective.** Edição digital. Toronto: Inner City Books, 2005.

Nell, Renée. The use of dreams in couples' group therapy. **American Journal of Family Therapy**, v. 3, n. 2, p. 7-11, 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01926187508251115>

Neto, Orestes Diniz. Conjugalidade: proposta de um modelo construcionista social para terapia de casal. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2005. 241p. Disponível em: http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2005_f8b2d1982ccd9e61ba51177e04006488.pdf

Parisi, Silvana. Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2009. 272p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-09122009-152719/publico/PARISIDOUTORADO.pdf#page=18.44>

Pessoa, Maria Silvia Costa. **Os sonhos na terapia junguiana de casal: um modelo de análise.** Edição digital. Curitiba: Appris, 2017.

Pessoa, Maria Silvia Costa. Elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal - um enfoque junguiano. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2011. 239p. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15011/1/Maria%20Silvia%20Costa%20Pessoa.pdf>

Reis, Marfiza Ramalho. Crises conjugais: riscos e oportunidades. **Junguiana**, v.25, p. 93-101, 2007.

Robles, Deusa Rita Tardelli; Pessoa, Maria Silvia C.; Fontana, Olga Maria. Te perdoo por te trair(es). In: Benedito, Vanda Lucia Di Yorio (org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: Teoria e prática.** Edição digital. São Paulo: Summus, 2015. p. 81-93.

Samuels, Andrew. **A Psique Plural: Personalidade, Moralidade e o Pai.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Sanford, John. A. **Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós.** 14. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

Scarf, Maggie. O encontro do oposto no parceiro conjugal. In: Zweig, Connie; Abrams, Jeremiah (orgs.). **Ao encontro da sombra.** Edição digital. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 145-152.

Schwartz-Salant, Nathan. **The mystery of human relationship: Alchemy and the transformation of the self.** Edição digital. New York: Routledge, 2003.

Sei, Maíra Bonafé. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.

Sharp, Daryl. **Getting to know you: The inside out of relationship.** Edição digital. Toronto: Inner City Books, 1992.

Siqueira, Jane Eyre Sader de. A vivência da morte e o resgate da vida na terapia de casal: reflexões sobre um caso clínico. In: Benedito, Vanda Lucia Di Yorio (org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: Teoria e prática**. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015a. p. 138-156.

Siqueira, Jane Eyre Sader de. O casamento como palco de reedição das feridas: uma leitura simbólica. In: Benedito, Vanda Lucia Di Yorio (org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: Teoria e prática**. Edição digital. São Paulo: Summus, 2015b. p. 138-156.

Stein, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. Edição digital. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Stein, Murray. Poder, xamanismo e maiêutica na contratransferência. In: Stein, Murray.; Schwartz-Salant, Nathan (orgs.). **Transferência e contratransferência**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

Tobias, Thaisa; De Aguiar Miguel, Raquel; Da Rocha, Mauro Sérgio. A vida compartilhada: um estudo sobre a terapia de casal e a descoberta de si. **Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 5, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2020.vol05.0005>

Ulanov, Ann Belford. Coniunctio and Marriage. In: Dodson, Laura S.; Gibson, Terrill L. **Psyche and Family: Jungian Applications to Family Therapy**. Illinois: Chiron Publications, 1996.

Vargas, Nairo de Souza. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. São Paulo: Madras, 2004.

Vargas, Nairo de Souza. Terapia de casais: uma visão simbólico-arquetípica da conjugalidade. Tese (Doutorado em Medicina) Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. 1995. 337p.

Vargas, Nairo de Souza. Importância dos tipos psicológicos na terapia de casais. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. 1981. 59p.

Von Franz, Marie Louise. O processo de individuação. In: Jung, Carl Gustav; Freeman, John; Von Franz, Marie Louise; Henderson, Joseph L.; Jacobi, Jolande; Jaffé, Aniela. **O homem e seus símbolos**. Edição digital. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

Whitmont, Edward C. Anima: A mulher interior. In: Downing, Christine. **Espelhos do Self: As imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

Whitmont, Edward C. A evolução da sombra. In: Zweig, Connie; Abrams, Jeremiah (orgs.). **Ao encontro da sombra**. Edição digital. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 48-59.

Young-Eisendrath, Polly. **Bruxas e Heróis: uma abordagem feminista na terapia junguiana de casais**. São Paulo: Summus, 1995.

Zweig, Connie; Abrams, Jeremiah (orgs.). **Ao encontro da sombra**. Edição digital. São Paulo: Cultrix, 1991.